

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

**TIAGO VIANA FAGUNDES**

**MEMÓRIA ORAL DO CONTESTADO ENTRE ESPÍRITO SANTO E MINAS  
GERAIS: UM OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE BARRA DE SÃO  
FRANCISCO E MANTENA**

**SÃO MATEUS  
2018**

TIAGO VIANA FAGUNDES

MEMÓRIA ORAL DO CONTESTADO ENTRE ESPÍRITO SANTO E MINAS  
GERAIS: UM OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE BARRA DE SÃO  
FRANCISCO E MANTENA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Educação e Tecnologia da Faculdade Vale do Cricaré, para obtenção o título de Mestre em Ciência, Educação e Tecnologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo

SÃO MATEUS  
2018

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação  
Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional  
Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

F151m

FAGUNDES, Tiago Viana.

Memória oral do contestado entre Espírito Santo e Minas Gerais: um olhar sobre participação de Barra de São Francisco e Mantena / Tiago Viana Fagundes – São Mateus - ES, 2018.

81 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo.

1. Contestado. 2. Barra de São Francisco. 3. Mantena. 4. História Oral. 5. História. 6. Memória. I. Thiengo, Edmar Reis. II. Título.

CDD: 981.05

**TIAGO VIANA FAGUNDES**

**MEMÓRIA ORAL DO CONTESTADO ENTRE ESPÍRITO SANTO E  
MINAS GERAIS: UM OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE  
BARRA DE SÃO FRANCISCO E MANTENA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

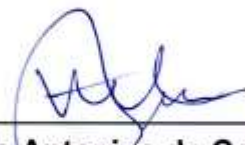
Aprovado em 28 de setembro de 2018.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)  
Orientador



---

**Prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



---

**Prof. Dra. Josete Pertel**  
Faculdade Multivix São Mateus

## RESUMO

Histórias são relatos produzidos pelo homem a partir de seu olhar sobre situações vivenciadas na sociedade, escrevê-las exige um trabalho árduo e contínuo. Nessa perspectiva, o trabalho buscou, compreender a História do Contestado entre os estados do Espírito Santo e Minas Gerais, com ênfase nas cidades de Barra de São Francisco - ES e Mantena-MG, palco dos maiores conflitos da época. O Contestado foi um período litigioso ocorrido na região norte das divisas entre Espírito Santo e Minas Gerais. Nos anos de 1937 a 1963, os dois Estados contestavam as ricas terras da região alegando erros de divisas territoriais. Diante do impasse, a violência, a desordem e o medo instalou-se região, que acabou ficando sob o controle das jurisdições mineiras e capixabas. Água Doce do Norte, Café Ralo, Santo Agostinho, Vargem Alta e outras regiões tinham na época duas escolas, dois cartórios, dois destacamentos policiais, um mineiro e um capixaba, a população ficava dividida naquela situação que nunca parecia ter fim. Porém, em 1963, um acordo foi selado entre os dois Estados, com definição das divisas. A história do Contestado relatada neste trabalho foi obtida, principalmente, por meio de fontes orais, foram entrevistados alguns moradores das cidades de Barra de São Francisco, Mantena e região. O objetivo foi dar vida às memórias do contestado para, que ela seja inserida em conteúdos curriculares e apresentada nas salas de aula de maneira que os estudantes compreendam os valores culturais, sociais e econômicos desse período.

**Palavras-chaves:** Contestado. Barra de São Francisco. Mantena. História Oral. História. Memória.

## ABSTRACT

History is a report that man does in his society, writing it therefore requires us to work hard and continuous, facing this challenge in this present work, we will seek to understand about the History of the Contestado between the states of Espírito Santo and Minas Gerais with emphasis on the cities of Barra de São Francisco - ES and Mantena - MG, these being the scene of the greatest conflicts of the time. The Contestado was a litigious period that occurred in the northern region of the border between Espírito Santo and Minas Gerais. In the years 1937 to 1963, the two states disputed the rich lands of the region alleging errors of the territorial currencies. Faced with the impasse, violence, disorder and fear took over the region that ended up under the control of the mining and capixabas jurisdictions. In Água Doce do Norte, Café Ralo, Santo Agostinho, Vargem Alta and other regions had at the time two schools, two offices, two police detachments, being a mineira and capixaba, the population was divided from that situation that never seemed to end. However, in 1963, a gentlemen's agreement was sealed between the two states, the currency was defined and peace was maintained. The story of the Contestado that appears in this work was obtained mainly through oral sources, in which the residents of the cities of Barra de São Francisco, Mantena and region were interviewed. We seek to give life to the memories of the contestant so that it arrives in the classrooms so that the students understand the cultural, social and economic values of that period.

**Key words:** Contestado. Barra de São Francisco. Mantena. Oral history. Memory.

## SUMÁRIO

<b>1 UMA HISTÓRIA INICIAL</b> .....	9
1.1 O CONTESTADO NA PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL .....	14
1.2 DO PROBLEMA AOS OBJETIVOS .....	15
1.3 O CONTESTADO SOB A ÓTICA DE HISTORIADORES .....	17
1.5 ESTRUTURA DA PESQUISA .....	20
<b>2 ALGUNS OLHARES DE QUEM PENSA E DISCUTE HISTÓRIA</b> .....	19
2.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA .....	23
2.2 OS HISTORIADORES E A ESCRITA DA HISTÓRIA .....	24
2.3 HISTÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA.....	26
<b>3 CAMINHOS PARA ESCREVER UMA HISTÓRIA</b> .....	27
3.1 SUJEITOS DA PESQUISA.....	31
3.2 AMBIENTES DA PESQUISA .....	33
<b>4 MEMÓRIAS DO CONTESTADO: APRESENTANDO RESULTADOS</b> .....	37
4.1 O CONTESTADO NA ÓTICA DE MORADORES DE BARRA DE SÃO FRANCISCO .....	37
4.2 O CONTESTADO NA ÓTICA DE MORADORES DE MANTENA .....	49
4.3 CONFLITOS RELIGIOSOS NA ÉPOCA DO CONTESTADO .....	58
4.4 UNIÃO DE JEOVAH: SURGE UM NOVO ESTADO .....	64
4.5 O CONTESTADO E A IDENTIDADE CULTURAL DOS MORADORES DE BARRA DE SÃO FRANCISCO E MANTENA.....	67
<b>4.5.1 Importância do Contestado na Sala de Aula</b> .....	70
<b>5 PRODUTO EDUCATIVO: DOCUMENTÁRIO</b> .....	73
5.1 SUGESTÕES DE USO DO FILME EM SALA DE AULA .....	74
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	75
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	78
<b>APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	80
<b>APÊNDICE B: ROTEIRO DOS ENTREVISTADOS</b> .....	81

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Mapa da Região de Barra de São Francisco-ES e Mantena-MG...	34
Figura 2:	Barra de São Francisco.....	35
Figura 3:	Mantena.....	36
Figura 4:	Capitania do Espírito Santo, segundo a Carta Régia.....	39
Figura 5:	Barra de São Francisco – 1937.....	40
Figura 6:	Barra de São Francisco – 1949.....	42
Figura 7:	Destacamento da Polícia Mineira – 1940.....	44
Figura 8:	Lacerda de Aguiar e Magalhães Pinto–Governadores do Espírito Santo e Minas Gerais, respectivamente.....	47
Figura 9:	Bandeira de Barra de São Francisco – Sentinela Capixaba.....	48
Figura 10:	Mantena – 1939.....	51
Figura 11:	Mantena – 1950.....	53
Figura 12:	Transporte de Café – Mantena – 1950.....	53
Figura 13:	Presidente Juscelino Kubitscheck em Mantena – 1954.....	55
Figura 14:	Frei Inocêncio de Comiso.....	61
Figura 15:	Padre Elauro Zacarias de Oliveira.....	63



## 1 UMA HISTÓRIA INICIAL

*Em nome de interesses pessoais, muitos abdicam do pensamento crítico, engolem abusos e sorriem para quem desprezam. Abdicar de pensar também é crime.*  
**Hannah Arendt**

O período das grandes navegações foi a revolução que mudou o quadro político e econômico da Europa, mares nunca antes navegados, povos nunca antes encontrados passaram a fazer parte do, até aquele momento limitado mundo europeu. Portugal já no século XV era o Estado mais forte da Europa e buscava incessantemente expandir suas colônias no continente africano. Como bloqueio no Mediterrâneo que estava sob controle dos mercadores italianos e dos árabes, Portugal precisou encontrar novas rotas marítimas para dar continuidade ao lucrativo mercado de especiarias e metais preciosos, conseqüentemente a aventura pelo Atlântico conduziu novas descobertas, entre elas, o Brasil.

Após aventuras e conquistas pelos oceanos do mundo, em 1500, o português Pedro Álvares Cabral tomou posse de terras que mais tarde foram chamadas de Brasil. Contudo, até 1530, o império português esteve mais interessado em explorar as riquezas do Oriente. Isso mudou quando o comércio com o oriente parou de gerar tantos lucros e a posse das terras americanas estava ameaçada por piratas franceses e holandeses. Então, Portugal iniciou a colonização na América a partir de 1532, quando Martin Afonso de Souza trouxe a primeira expedição de colonos e fundou São Vicente, a primeira vila do Brasil.

Diante dessa realidade, em 1534, o rei D. João III criou no Brasil o sistema de Capitânicas Hereditárias, uma tentativa para incentivar a colonização, visto que não havia recursos próprios para investir na Colônia, ou seja, a maneira encontrada foi distribuir terras a pessoas de confiança para administrar o Brasil. Entre elas, o fidalgo português Vasco Fernandes Coutinho, veterano das campanhas da África e da Índia que, no dia 23 de maio de 1535, aportou em terras da capitania lhe destinada pelo rei. Como era um domingo do Espírito Santo, chamou de Vila do Espírito Santo a região encontrada, com ele se instalaram nesse local cerca de sessenta colonos, hoje a atual cidade de Vila Velha.

No início de sua tarefa de administrar suas terras, Vasco Fernandes Coutinho encontrou inúmeras dificuldades: a distância com a metrópole, a falta de recursos próprios, a mata atlântica era uma barreira que dificultava o acesso ao norte, a falta de um contingente populacional para povoar a capitania e também os constantes ataques indígenas. Essas foram algumas das grandes dificuldades do donatário.

O primeiro contato com a terra revelou os tropeços que aguardavam aquele pugilo de aventureiros: os índios preparavam uma recepção nada cordial. Postando - se armados em grupos na praia, mostravam - se dispostos a impedir o desembarque. Alguns disparos de peças de bordo, porém, anularam a pretensão, afugentando-os para a floresta (OLIVEIRA, 2008, p.37).

Para enfrentar tudo, Vasco Fernandes Coutinho construiu um forte, igreja e casas para alojamento. Distribuiu sesmarias para os colonos com posses, buscando o apoio para a ocupação territorial. Como em outras capitanias, a primeira experiência de produção foi o açúcar, o qual chegou a ter sucesso no Espírito Santo, mas nunca com a mesma importância da região Nordeste. Além disso, para complicar, os conflitos com os índios eram permanentes. Em 1551, diante da ação dos índios atacando a Vila do Espírito Santo (Vila Velha), Vasco Coutinho transferiu a sede da capitania para um povoado na ilha de Santo Antônio (atual ilha de Vitória), que seria chamada de Vila Nova. Dessa forma:

A atitude hostil dos habitantes da terra aconselhava a construção imediata de obras de defesa. Foi, naturalmente, o que se fez, rezam as crônicas. Fortificação contra as acometidas da terra, das florestas vizinhas, levantadas com material mais acessível e que propiciava, também, construção mais rápida - a madeira. Seria uma paliçada contornando a faixa de praia, onde levantaram - se os primeiros casebres da exígua população (OLIVEIRA, 2008, p.38).

Assim, a Capitania do Espírito Santo desenvolveu-se no período colonial apenas nas regiões litorâneas e, ironicamente, como se já não bastasse os problemas com os nativos, densas florestas e poucos colonos, surgiu outro problema, a descoberta do ouro em Minas Gerais causou mais estagnação à capitania. Devido a essa descoberta, em 1720, o rei de Portugal proibiu a construção de estradas e a organização de expedições do Espírito Santo em direção a Minas Gerais, evitando, assim, a colonização de terras no interior do Espírito Santo e inibindo o comércio com outras capitanias. Desse modo, a capitania do Espírito tornou-se uma defesa natural para a região das minas de ouro. Além disso, a capitania do Espírito Santo fracassou como a maioria das outras, tendo sido para Vasco Fernandes Coutinho, o patriarca

do Espírito Santo, um prêmio que se transformou em castigo, pois precisou empenhar todos os haveres para conservar sua vila, e acabou por morrer pobre e desvalido.

Após transcorrer alguns anos, a partir do século XIX, o Espírito Santo começou a deixar de ser um território isolado e, em 13 de outubro de 1810, ganhou independência administrativa da Bahia. A partir daí, de maneira lenta e gradual, o Espírito Santo vai se desenvolvendo e alcança proporções mais amplas, as densas florestas cedem espaços à agricultura e à pecuária, graças aos novos colonos europeus que chegavam ao sul do Estado. Mais tarde, ocuparam todo o território e avançaram o Espírito Santo para além do litoral, formando as atuais dimensões geográficas.

Já na década de 1900, especificamente em 1928, com a construção da ponte Floriano Ávidos sob o Rio Doce em Colatina começou a exploração das regiões inóspitas do norte do Estado, Colatina, São Mateus, Linhares e Baixo Guandu foram as primeiras cidades a se desenvolver. Todavia, tudo o que estava ligado acima de São Mateus era considerado como "grande São Mateus", portanto, o povoamento começou de forma bem precária nas vastas terras do interior da região norte.

Em decorrência disso, a questão litigiosa da zona contestada teve como um dos principais fatores a exploração tardia do Espírito Santo na região norte que, como já citado, começou de fato com a construção da ponte Floriano Ávidos em Colatina. Enquanto isso, descendo pela Serra dos Aimorés, os mineiros começaram a explorar regiões que, de acordo com a Carta Régia de 1800, estava sob jurisdição capixaba. O que Minas Gerais tinha eram pessoas dispostas a explorar além de suas fronteiras, pois os mineiros não enfrentaram os mesmos empecilhos dos capixabas, visto que na época das Capitânicas Hereditárias o estado mineiro não existia. Assim sendo, quando os capixabas conseguiram se aproximar na região norte, que já estava ocupada por mineiros, iniciou-se o conflito denominado Contestado, por meio do qual ambos os Estados se intitulavam donos das ricas terras do norte do Estado do Espírito Santo.

Essa história, objeto deste estudo, e tantos outros textos dos livros didáticos de história sempre me atraíram desde criança e acabaram me conduzindo à docência, mais especificamente como professor de História. Além disso, a busca por elementos da história do Espírito Santo, particularmente do norte do Estado, tornou-se uma

constante devido à atuação profissional em escolas da rede pública da região.

Nesse sentido, o Contestado, conflito litigioso ocorrido em uma extensa área da região norte do Estado, como foco de maior tensão foi nas cidades de Barra de São Francisco e Mantena despertou atenção e interesse. Uma curiosidade sobre o Contestado entre capixabas e mineiros estimulou a busca por informações, primeiramente, em sites da internet e, posteriormente, em conversas com antigos moradores da região, pois algumas informações são imprescindíveis para quem é pesquisador. Contudo, apesar do aumento do interesse por essa história, há poucas referências bibliográficas, e o próprio currículo de educação básica do Estado Espírito Santo não menciona diretamente o assunto como parte dos conteúdos programáticos da história capixaba.

Assim, buscou-se resolver essa questão realizando uma busca inicial com o termo “guerra do contestado”. Porém, foram encontradas referências sobre o conflito ocorrido no sul do Brasil, no período entre outubro de 1912 a agosto de 1916, entre os estados do Paraná e Santa Catarina, em que grande número de camponeses enfrentou forças militares federais e estaduais.

Ao refinar a busca acrescentando referências aos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, surgiram informações sobre a guerra do contestado ocorrida entre esses Estados. Superficialmente, sites como o Portal Mantena Antiga, o do jornal Estado de Minas Gerais e outros sites da região abordam algo sobre o assunto, mas todas as informações existentes foram baseadas, principalmente, em depoimentos de pessoas mais velhas, que vivenciaram o período do Contestado entre os anos de 1935 a 1963. Também apareceram muitas fotos antigas da época com alguns moradores da região, o que aumentou ainda mais o interesse em pesquisar esse conflito.

O Contestado foi um conflito que começou por volta de 1935, quando o Estado de Minas Gerais invadiu as fronteiras capixabas com o objetivo de tomar posse das ricas regiões do norte do Estado, além do desejo de chegar ao mar, visto que Minas Gerais é um estado central. O conflito começou na Serra dos Aimorés e desceu até chegar à região de Barra de São Francisco que, anteriormente, era um distrito da cidade de São Mateus-ES. Caso passassem por Barra de São Francisco (na época, São Sebastião), não teriam dificuldade para realizar um sonho antigo dos mineiros, ter um

porto de mar.

O avanço dos mineiros pelas fronteiras capixabas aconteceu, principalmente, devido ao pequeno contingente populacional capixaba naquela época. O Estado era pouco desenvolvido e, até 1928, a região norte permanecia coberta por matas e habitada por muitas tribos indígenas. Porém, a construção da ponte Floriano Ávidos sob o Rio Doce iniciou a migração para o norte, região esta que os mineiros estavam tomando aos poucos. Diante dessa situação, as autoridades capixabas começaram a enviar pessoas para a região que os mineiros estavam invadindo também instalaram instituições, como escolas, cartórios, posto de coleta de impostos, entre outros. Os mineiros, igualmente, já haviam instalados essas instituições, gerando caos para a população na época, que deveriam decidir se era mineira ou capixaba, mesmo vivendo no mesmo local.

Em 1943, para conter o avanço de Minas, foi criado o município de Barra de São Francisco, uma vez que Mantena já havia sido tomada pelos mineiros. Em Barra de São Francisco, os soldados ficavam de guarda nas fronteiras, porém não houve uma guerra entre os estados. Contudo, foi um período de muita tensão e alguns pequenos atritos preocuparam os moradores da época.

Após muitos anos de disputas e várias tentativas dos governos mineiros e capixabas de chegar a um consenso, em 1963, foi selado um acordo de paz, conhecido como acordo de cavalheiros. Esse acordo definiu os limites da fronteira entre os dois estados provisoriamente, a qual mantém as mesmas divisas até os dias de hoje. Assim, embora o Estado do Espírito Santo tenha perdido várias regiões para os mineiros, o desejo de eles alcançarem o mar por terras capixabas não se tornou realidade.

Vale ressaltar que, além de ser uma história interessante, o fato marcante foi que, conhecê-la e aprender sobre o conflito, somente foi possível após entrevistar antigos moradores das cidades pesquisadas. Destaca-se que todos os mineiros e capixabas entrevistados dão praticamente as mesmas versões para a origem do conflito. E essas circunstâncias estimularam bastante o desejo de aprofundar mais no assunto e relatar um pouco dessa história, sob o olhar da ótica e da memória dos moradores de Barra

de São Francisco, Mantena e região.

## 1.1 O CONTESTADO NA PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

A história do Contestado faz parte de um legado que engrandece a região dessas duas cidades, e trabalhar essa temática é reviver um passado presenciado por muitos amigos e familiares, mas que está se perdendo ao longo do tempo.

Por ser uma história regional e pouco registrada, é importante trabalhá-la nas escolas e evitar, assim, perder a identidade construída ao longo do tempo. Muitas pessoas da época do Contestado, que perdurou até a década de 1960, ainda estão vivas e têm um vasto conhecimento do passado histórico do povo francisquense e mantense, o qual deve ser transmitido para próximas gerações, ser registrado e se tornar referência histórica desse período.

Assim sendo, devido à escassez de fontes bibliográficas relacionadas ao tema da pesquisa, constante no capítulo 2, a história oral dos moradores da região que vivenciaram aquele período foi o caminho mais viável para preservar a memória do Contestado, pois a maioria dos registros surgiu dos depoimentos de moradores e de pesquisas em acervos particulares.

Diante dessa realidade, esta pesquisa pretende contribuir para manter vivo esse fato histórico e preencher uma lacuna nos livros didáticos escolares, ou seja, a ausência de tal conteúdo. Objetiva também apresentar subsídios para suprir a escassa formação de professores acerca desse tema, buscando apresentar a história do Contestado em sala de aula. Sugere-se, então, ensinar sobre o Contestado entre Minas Gerais e Espírito Santo nas escolas de Barra de São Francisco e Mantena, pois é um tema importante que aborda questões territoriais, políticas e culturais. Dessa forma, intenta descrever a história do Contestado entre essas duas cidades por meio dos dados coletados nas fontes encontradas.

Ademais, esta pesquisa deu mais visibilidade à história do Contestado o que permite utilizá-la em sala de aula para enriquecer o conhecimento dos alunos, principalmente no que se refere às origens. O problema foi trabalhado visando aprofundar a história

do Contestado sob o olhar dos moradores da cidade de Barra de São Francisco e Mantena. As pessoas que vivenciaram aquele período e os escritores que o registraram são as fontes principais da coleta de dados, e contribuíram para resolver a dificuldade de encontrar materiais sobre o tema.

Para além das questões expostas, a história do Contestado influenciou de forma significativa a constituição da identidade dos moradores das cidades envolvidas. Ao se discutir o tema, é preciso direcionar o olhar e assumir uma ótica que indique nossa percepção sobre o tema. Assim considerando:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2004, p.7).

As discussões propostas caminham nessa direção e possibilitam conexões importantes nesse sentido. Um trabalho que estabeleça ou possibilite tal diálogo justifica-se por si só.

## 1.2 DO PROBLEMA AOS OBJETIVOS

Um dos maiores desafios do mestrado é a dissertação, pois é fundamental que o mestrando escolha bem o tema para realizar um trabalho promissor. Havia, contudo, desde o início do mestrado em mente dois temas, o primeiro, relacionado ao meio ambiente, abrangendo questões da coleta seletiva em Água Doce do Norte, que integra um projeto profissional em desenvolvimento e que tem produzido bons resultados. O segundo tema envolvia a história do Contestado entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, com ênfase nas cidades de Barra de São Francisco e Mantena. Esse tema, por sua vez, era um processo bruto que precisava ser lapidado, que exigia a coleta de dados minuciosos, além de ser um assunto de extrema importância para essa região do Estado no que se refere à história, política e cultura. Como professor de História, o tema do Contestado foi cativante e se tornou pertinente.

A história do Contestado encontra-se resumida em poucos livros, entre eles, Cotaxé, do jornalista e escritor Adilson Vilaça. É uma história ainda presente na memória de

muitas pessoas que viveram aquele período, muitas delas são professores, advogados, jornalistas, comerciantes, religiosos, entre outros. Eles são fontes históricas e seus conhecimentos precisam ser registrados para as futuras gerações. Nesse sentido, esse período vivido por muitos, mas do qual pouco se fala, pode se tornar um documento consistente e servir de fonte para exaltar e valorizar a história do Estado do Espírito Santo.

O Contestado foi um contexto histórico, cultural e político que envolveu as fronteiras dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. De acordo com pesquisadores e alguns moradores da região litigiosa, Minas Gerais tentou invadir as divisas do Espírito Santo com o objetivo de chegar até o mar. Foi um momento de muita tensão, com soldados armados dos dois lados prontos para uma guerra, foi uma época em que o relacionamento entre mineiros e capixabas era problemático. Os municípios de Mantena e Barra de São Francisco vivenciaram momentos de tensão, as tropas mineiras e capixabas permaneceram de prontidão por um longo período, havia desconfiança, mas não chegaram ao combate.

Muitos fatos do Contestado delimitando as cidades de Barra de São Francisco e Mantena estão na memória das pessoas que vivenciaram aquele período tão intenso da história do Estado do Espírito Santo. Se ninguém perguntar, se ninguém falar e se não registrar, muita coisa pode se perder. A palavra história, “[...] deriva do grego *historie*, significa entre procurar saber” (LE GOFF, 1990, p. 11). Por isso, aceitei o desafio de descobrir o que foi o Contestado e qual legado é possível deixar para que outros saibam, afinal, a memória “é um elemento essencial de que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva” (LE GOFF, 1990, p. 224).

Nessa perspectiva, o problema apresenta-se como seguinte questionamento: Como o contestado entre o Espírito Santo e Minas Gerais é relatado por participantes do conflito, habitantes de Barra de São Francisco e Mantena?

Para responder essa questão, de forma geral, o objetivo é discutir a história do contestado entre o Espírito Santo e Minas Gerais, a partir dos olhares dos moradores de Barra de São Francisco e Mantena.



De maneira específica, pretende-se:

- Identificar moradores das cidades envolvidas que participaram direta ou indiretamente do Contestado.
- Verificar, junto aos envolvidos, como o Contestado influenciou o desenvolvimento das cidades.
- Valorizar, por meio de relatos dos moradores de Barra de São Francisco e Mantena, a história regional.
- Produzir um documentário com os moradores das cidades citadas.

Ao final da pesquisa, ao alcançar os objetivos propostos, será disponibilizado para a comunidade em geral, particularmente as escolas da região norte do Espírito Santo, um rico material para conhecimento, diálogo e discussões. A finalidade é facilitar a inserção do tema em rodas de conversas tanto em escolas como nas residências ou na comunidade em geral, de forma a fortalecer a identidade e a cultura do povo em análise.

### 1.3 O CONTESTADO SOB A ÓTICA DE HISTORIADORES

As entrevistas de Adilson Vilaça para a Revista *Século* são ferramentas imprescindíveis a serem analisadas, pois estão embasadas em pesquisas do referido autor e esclarecem fatos sobre o período litigioso na região. Segundo ele:

Era uma vez o noroeste capixaba, que nem era tão capixaba assim - o Estado de Minas Gerais acalentou, por décadas, o sonho de dividir o Espírito Santo ao meio. Para tanto, avançou as tropas para tomar a faixa de terra que subia da margem esquerda do Rio Doce até a divisa com a Bahia. O turbilhão de disputas no Noroeste, a colonização fora-da-lei (VILAÇA, 2001, p.17).

O autor contribui para a compreensão das origens do conflito. Assim, como o trabalho tem como foco principal a pesquisa oral, cujos entrevistados compartilharão os momentos vividos naquela época, as falas de Vilaça são uma introdução ao tema, pois o que ele escreveu confirma, de certo modo, parte do que os entrevistados vivenciaram. Segundo Vilaça (2000, p. 9), "Fugitivos das autoridades judiciais, que se tornavam mão de obra armada a serviço de quem pagasse melhor". Assim, as áreas litigiosas, principalmente, de Barra de São Francisco e Mantena, ficaram inundadas de forasteiros de várias regiões, que acabavam trabalhando para os coronéis que já se instalavam lá, com proteção dos respectivos governos da época.

Isso ocorreu porque o Estado do Espírito Santo era uma região pouco desenvolvida, com o noroeste do Estado praticamente coberto por mata, visto que até a época da construção da ponte Floriano Ávidos sob o Rio Doce a povoação capixaba ainda era praticamente litorânea. Desse modo, antes de os capixabas ocuparem a parte do território que lhes pertencia por direito, os mineiros avançaram e, de repente, a população na região aumentou e ficou dividida entre as ordens dos governos dos dois estados. Assim:

Enquanto a região norte foi um vazio humano cheio de matas, não houve a necessidade de manter ali funcionários para coletar impostos, dar aulas, prestar assistência à saúde ou fazer o papel da polícia. Não era preciso nem padre porque não havia rebanho de almas para cuidar. A partir de um certo momento, porém, havia dois padres, um defendendo o território como se fosse de Minas, outro apoiando os posseiros como se a terra pertencesse ao Espírito Santo (VILAÇA, 2000, p.9).

Outro importante referencial será a revista O Cruzeiro, do Rio de Janeiro, pela sua amplitude e por se tratar de uma revista bastante conhecida na época. Inclusive, jornalistas dessa revista estiveram em Mantena e Barra de São Francisco para investigar o que estava acontecendo e publicar matéria sobre o conflito para o Brasil. Na edição de 1957, a revista retratou fatos importantes, como atritos entre a população, as polícias, os fazendeiros e as autoridades governamentais. "Com exibição de forças militares, o ambiente tornou-se veemente tenso na zona litigiosa" (O CRUZEIRO, 1957, p. 3). Em outros trechos, a revista relatou o medo dos habitantes da região. "De caminhão, jardineira ou a pé, as famílias vão abandonando suas moradas, à procura de outras regiões, pois querem ficar longe daquele barril de pólvora capaz de explodir de uma hora para a outra, a cada instante, a intranquilidade aumenta mais (O CRUZEIRO, 1957, p. 3). A revista também reforçou o desejo de o Estado de Minas Gerais ter acesso ao mar, trazendo em uma de suas páginas uma coluna com o título "Porto de Mar", (O CRUZEIRO, 1957, p. 12). Nessa matéria, o presidente recentemente eleito na época, Juscelino Kubitschek, tentou amenizar a situação.

Além da contribuição dessas fontes, a escritora francisquense Marlídia Alves da Silva também pesquisou durante muitos anos inúmeros documentos para compreender as origens do conflito e seu desenrolar, cujo resultado foi um livro intitulado "O passado e o presente de Barra de São Francisco". Essa obra também corrobora os fatos referentes às questões limítrofes entre os dois estados. Para a autora:

O Distrito de Barra de São Francisco instalado regularmente funcionou sem incidentes até 1937, quando se deu a primeira invasão de autoridades policiais subalternas do Estado de Minas Gerais, já depois da promulgação da Carta Constitucional de 10 de novembro de 1937 (ALVES, 1999, p.196).

As palavras de Alves, assim como as de Vilaça, permitem compreender o que foi relatado em algumas entrevistas realizadas com moradores francisquenses, sendo ela mesma uma das moradoras entrevistadas. Ela confirmou as palavras descritas em seu livro, as quais complementam a citação anterior: "Daí por diante, as incursões mineiras assiduamente se repetem. As autoridades subalternas mineiras em provocações constantes vêm ao território espírito-santense para ameaçar, extorquir dinheiro e até espancar os humildes colonos da região" (ALVES, 1999, p.196).

Para complementar, é preciso evidenciar outros discursos, como depoimentos e registros de cidadãos mineiros que sofreram repressões da polícia e da justiça capixaba. Para isso será analisada a obra de José Geraldo Leite Barbosa, Capitão da Polícia Militar de Minas Gerais na época do Contestado, que escreveu um famoso livro: "Aspecto Policial de Mantena - Zona Contestada", escrito em 1958. Contudo, algumas pessoas de Mantena entrevistadas afirmaram que José Geraldo Leite exagerou em alguns casos ao defender a honra dos mineiros e manchar a honra dos capixabas. Mesmo com essa informação, alguns assuntos descritos no livro de fato aconteceram, como o caso do casamento relâmpago, uma história engraçada, mas que poderia ter sido trágica.

Em 1949, o escrivão de paz mineiro, do distrito da sede, Sr. Valfrido Pontes, apesar de fortemente garantido por vários policiais, presentes, ainda, o autor destas linhas e o juiz de direito da comarca, Dr. Onofre Estêves Otôni, achou de boa política realizar um casamento no tempo "record" de cinco minutos (naturalmente que sacrificando o cerimonial em mais da metade), no local denominado Itauninha, para evitar um possível derramamento de sangue, decididos que estavam alguns soldados capixabas a impedir, pela força, por ordem do Cap. Josias de Aguiar, a realização daquele ato, sob alegação de que o local referido se encontrava sob jurisdição espírito--santense. O casamento foi celebrado em paz, porque, afinal, tínhamos superioridade numérica de policiais [...]. Mas os noivos pagaram caro pela audácia de escolher juiz mineiro. Como castigo imposto discricionariamente pela Polícia de Barra de São Francisco, tiveram a noite nupcial adiada para o segundo ou terceiro dia do casamento-Como assim?! -Hospedados naturalmente nalgum cubículo (BARBOSA, 1958, p. 15-16).

Ainda nessa obra clássica de José Geraldo Leite Barbosa, há muitos outros fatos importantes, como o cotidiano dos mineiros naquela época. O livro destaca também os capixabas, além do medo e da incerteza que pairava sobre as pessoas, pois, ser

mineiro ou capixaba na região de Barra de São Francisco e Mantena poderia ser sinônimo de repressão ou contenda.

### 1.5 ESTRUTURA DA PESQUISA

Este estudo encontra-se organizado considerando as orientações da instituição. Nessa linha, o primeiro capítulo traz um resumo da história do Espírito Santo, fazendo um recorte temporal no qual esta pesquisa está inserida, chegando ao momento em que aconteceu o conflito litigioso do Contestado entre os Estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Apresenta também uma justificativa, o problema de pesquisa, bem como os objetivos propostos. Encerra - se o capítulo com um pequeno relato da visão do Contestado por historiadores.

No segundo capítulo, a parte inicial contém uma breve revisão de literatura, com destaques para trabalhos sobre o momento em estudo. Em seguida, há o referencial norteador desta pesquisa, com destaque para a ótica de Jacques Le Goff, Paul Veyne e Hanna Arendt sobre história e seu registro. Ou seja, um olhar diferenciado sobre história e memória que são fundamentais a esta pesquisa.

O terceiro capítulo dedica-se a descrever o percurso metodológico, destacando tanto o olhar de Carlo Ginzburg e seu paradigma indiciário, como a importância das minúcias para ter um olhar diferenciado sobre a pesquisa a ser realizada. Traz ainda as contribuições de Verena Alberti para a história oral e como esta pode ser pensada e realizada. Além desses movimentos, destacam-se alguns relatos sobre as cidades de Barra de São Francisco e Mantena, locais onde a pesquisa foi desenvolvida.

## 2 ALGUNS OLHARES DE QUEM PENSA E DISCUTE HISTÓRIA

*O homem não vive somente de pão ; a História não tinha mesmo pão ;ela não se alimentava senão de esqueletos agitados, por uma dança macabra de autômatos. Era necessário descobrir na História uma outra parte. Essa outra coisa, essa outra parte, eramos mentalidades.*  
**Jacques Le Goff**

Esta pesquisa começou pelas buscas feitas em plataformas específicas, bem como em programas da área de história e educação. Utilizou-se, para tanto, em um primeiro momento, os descritores “contestado” e “guerra do contestado”, sendo que, nesse caso, surgiram muitas produções que, em sua grande maioria, referia-se ao conflito entre os Estados do Paraná e Santa Catarina. Ao refinar a busca, utilizou-se como descritor a expressão “contestado entre Minas Gerais e Espírito Santo”, sendo que surgiu um número reduzido de materiais, dos quais destacam-se os que serão apresentados a seguir.

O geógrafo Hécio Ribeiro Campos discute, em seu artigo “A Resolução de Fronteiras Minas Gerais - Espírito Santo na Zona do Contestado”<sup>1</sup>, a história do Contestado com ênfase no contexto geográfico, relatando a polêmica da divisão das fronteiras e as dificuldades entre os governos capixabas e mineiros por um acordo de paz. De forma resumida, explicou os problemas enfrentados pelo Estado do Espírito Santo devido ao seu baixo contingente populacional. Em decorrência do impasse para definir as fronteiras, grandes fazendeiros chegaram à região contestada para tomar posse das terras, o que gerou conflitos violentos entre a população. O autor relata em seu trabalho as cidades de Barra de São Francisco e Mantena como marco divisório dos conflitos litigiosos. Por fim, destaca os conflitos ecoporanguenses e a formação do Estado de União de Jeová pelo baiano Udelino, que faz uma revolução e cria por um curto período um estado dentro das terras capixabas e mineiras.

O artigo “50 Anos do Fim das Disputas de Fronteiras entre Minas Gerais e Espírito Santo na Zona Contestada: Repercussões Socioeconômicas e Político-Territoriais”<sup>2</sup>, de Hécio Ribeiro Campos, é outro trabalho do autor referente ao Contestado. O ano de 2013 marcou os 50 anos do término do conflito, no qual houve uma grande solenidade em Rio Bananal, fronteira entre Barra de São Francisco-ES e Mantena-

<sup>1</sup> REVISTA GEONORTE, Edição Especial 3, V.7, N.1, p. 986 - 1006, 2013. (ISSN – 2237-1419) 986.

MG. O autor abordou com propriedade a história com mapas e gráficos sobre o período, além de contar a história de uma forma breve, mas contemplativa. Primeiramente, o artigo aborda as origens do Espírito Santo e o surgimento de Minas Gerais na época da exploração do ouro, que transformou o Espírito Santo em uma barreira natural para evitar o contrabando. Posteriormente, relata as origens do conflito, que teve como contenda questões litigiosas. O trabalho relata problemas advindos do Contestado como: 1ª) a dupla jurisdição sobre a Serra dos Aimorés, o que na prática representou um vazio de poder; 2ª) a formação de uma tardia área de expansão cafeeira abriu uma nova frente pioneira e atraiu pessoas dispostas a ocupar as terras e a lutar por elas; 3ª) houve, dessa forma, uma escalada da violência e de concentração fundiária. O artigo também se refere às emancipações políticas ocorridas após o Contestado, como a cidade de Água Doce do Norte-ES e Nova Belém-MG. É relevante também as amostras apresentadas em gráficos sobre o trabalho escravo que perdurou até 2012 nas regiões contestadas, fruto do coronelismo durante as disputas litigiosas. Além disso, explica de forma clara e objetiva como eram as condições socioeconômicas das cidades que fizeram parte do conflito, relatando a economia e a cultura da população naquela época.

Outro olhar sobre o conflito foi dado por Wallace Tarcisio Pontes em sua dissertação de mestrado intitulada “Conflito Agrário e Esvaziamento Populacional: A Disputa do Contestado pelo Espírito Santo e Minas Gerais (1930-1970),” realizada no Centro de Ciências Naturais de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas na UFES. É considerado um dos trabalhos mais relevantes acerca do Contestado entre Espírito Santo e Minas Gerais. O autor conta de forma muito detalhada a fundação do Espírito Santo na época das Capitânicas Hereditárias, a formação de Minas Gerais na época do ouro e os impasses para o Espírito Santo, explica as origens do conflito, começando pela Serra dos Aimorés e abrangendo outras regiões, cujo local, a os poucos, foi se transformando em uma terra sem lei, ampliando o conflito. Cita também a riqueza cafeeira, que era a principal economia da época. É um trabalho com bastante gráficos e mapas que mostra com clareza as questões litigiosas. Menciona a riqueza e o número de pessoas na região litigiosa antes dos conflitos se tornarem mais acirrados, analisando uma série de CPIs que abordavam o conflito na tentativa

de alcançar um acordo entre os dois governos. Fala do desejo de os mineiros terem acesso ao mar como um interesse puramente econômico, como uma tentativa de construir um porto para escoar seus produtos.

## 2.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA

Ao pensar sobre a proposta de pesquisa, é fundamental discutir questões relevantes que conduzam a reflexões acerca do conceito de História e Memória, História regional e História oral, sendo esses princípios bases essenciais para a pesquisa.

Na visão de Le Goff (1990), não se pode reconstruir o passado, mas é possível estudá-lo; ele é rico em fontes que ajudam a compreender o presente. Refletindo sobre a temática, afirma:

O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história. Isto é verdadeiro em dois sentidos. Primeiro, porque o progresso dos métodos e das técnicas permite pensar que uma parte importante dos documentos do passado está ainda por se descobrir. Parte material: a arqueologia decorre sem cessar dos monumentos desconhecidos do passado; os arquivos do passado continuam incessantemente a enriquecer-se (LE GOFF, 1990, p. 14).

Ao discutir o conceito de passado e memória como objetivo da história, Le Goff (1990, p. 27) afirma que "Tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica". Portanto, estudar a memória de um povo é um caminho promissor para buscar o conhecimento histórico. Nesse Sentido de acordo com o mesmo, a memória:

"[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas" (LE GOFF, 1990, p. 224).

Assim considerando, o sujeito, ao fazer o relato de eventos, o carrega suas impressões, sentimentos, razões, significados e, com isso, ressignifica o momento. Assim sendo, à medida que as pessoas que vivenciaram o Contestado se reúnem e discutem aquele momento da história, encontram outros significados e proporcionam outros olhares. Em cada momento, suas próprias memórias e a junção de fatos que inicialmente pareciam isolados, fornecem novos sentidos para o evento. Nessa

perspectiva, a pesquisa a ser realizada se enriquece ao buscar em Le Goff o direcionamento para tal, pois o Contestado é um período de recordações vividas, principalmente por parte daqueles que o vivenciaram, e cuja história envolvida precisa ser compreendida e estudada.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 1990, p. 476).

A história não acontece por um conjunto de fatos e episódios, mas é constituída por todos. Porém, poucos conseguem pesquisar e registrar a história, ela exige um trabalho contínuo e um esforço enorme. Desse modo, no sentido da memória como identidade histórica ela se torna uma ferramenta essencial utilizada para registrar a história do Contestado. Importante destacar que, em nossa perspectiva, a memória é:

“[...] onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1990, p. 250).

Ao percorrer os caminhos da história é preciso valorizar os grandes historiadores, cujas obras nos permitem questionar sempre quem somos e o que fazemos, bem ajudam a compreender como estudar os acontecimentos da humanidade. Nesse sentido, os “[...] homens cujos historiadores estudam não foram indivíduos isolados agindo no vácuo, eles agiram no contexto e sob estímulo de uma sociedade passada” (CARR, 1996, p. 59). Dessa forma, historiador e historiado são partes de uma mesma engrenagem e peças que se complementam nesse emaranhado que constitui a identidade e a cultura estudada. Portanto, o trabalho para unir materiais e pessoas é primordial para alcançar um resultado promissor na pesquisa.

## 2.2 OS HISTORIADORES E A ESCRITA DA HISTÓRIA

Compreender a história é um aspecto minucioso e amplo, assim, a história deve ser vista não apenas por meio das grandes revoluções ou como ciências que estudam o homem. A história é a união de muitos estilos em uma só escrita, é um romance verdadeiro escrito pelo homem, desde grandes revoluções a atos individuais, romance



esse carregado de realidade ou ficção, dependendo do historiador. Essa visão emblemática é o olhar crítico do historiador e arqueólogo francês Paul Veyne, que remete a uma profunda responsabilidade em sua obra clássica “Como se escreve a história”. O autor afirma que a “[...] história é narrativa de acontecimentos: todo o resto daí decorre” (VEYNE, 1971, p.14). Nessa perspectiva, em relação à memória do Contestado é preciso ficar atento aos detalhes para não cometer equívocos relevantes ao período, ser objetivo e sucinto. Dessa forma:

Os homens nascem, comem e morrem, mas somente a história pode ensinar-nos as suas guerras e os seus impérios; são cruéis e quotidianos, nem demasiado bons, nem demasiado maus, mas a história dir-nos-ás e, numa época dada, eles preferiam o lucro indefinido à reforma após adquirirem a fortuna e como percebiam ou classificavam as cores (VEYNE, 1971, p.15).

Diante das indagações de Veyne, pode-se dizer que as ações do homem realizadas no mundo tornam-se eternas mesmo quando ele se finda e, em relação a isso, é compreensível, pois a história, ao ser registrada, torna-se imortal. Essa concepção rompe com a incoerência de que a história refere-se apenas às reflexões do passado; ela também é presente e uma perspectiva do futuro. Assim, é preciso evitar que ela pereça no tempo. Compreende-se diante disso que:

Os homens são ‘os mortais, as únicas coisas mortais que existem, pois, os animais existem tão-somente enquanto membros de espécies e não como indivíduos’ [...] contudo, se os mortais conseguissem dotar suas obras, feitos e palavras de algumas permanência, e impedir sua perecibilidade, então essas coisas ao menos em certa medida entrariam no mundo da eternidade (ARENDDT, 1997, p.71-72).

A história sempre existiu, desde o ser humano surgir como indivíduo, ela é de certa forma a própria humanidade, conseqüentemente, é o que de mais antigo existe e, mesmo anterior à escrita, a história esteve presente no cotidiano dos primeiros humanos da terra. O homem pode se tornar eterno ou não, depende muito daquilo que realizar no meio social. Para isso acontecer, historiadores têm a responsabilidade de registrar o que demais importante acontece, analisar sempre o conjunto da obra como um todo ou os detalhes fragmentados, buscando sempre registrar os fatos em determinado período, tempo e espaço. Sendo assim:

A história acolhe em sua memória aqueles mortais que, através de feitos e palavras, se provaram dignos da natureza, e sua fama eterna significa que eles, em que pese sua mortalidade, podem permanecer na companhia das coisas que duram para sempre (ARENDDT, 1997, p.78).

De acordo com (ARENDDT, 1997, p.79), não é escrevendo de qualquer maneira que "O

moderno historiador via de regras" constrói a história, ele precisa provar os fatos por meio de documentos, não podendo, portanto, o historiador ser um aventureiro. É preciso lembrar ainda que "[...] o historiador não é nem um colecionador, nem um esteta; a beleza não lhe interessa, a raridade tampouco: apenas a verdade" (VEYNE, 1971, p. 21). Diante de tais constatações, para escrever a história do Contestado e realizar a pesquisa, esta deve ser muito ampla para que as emoções não camuflem o campo da verdade, lembrando que a "[...] história é a descrição do que é específico, quer dizer compreensível, nos acontecimentos humanos" (VEYNE, 1971, p.72).

### 2.3 HISTÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA

Ao procurar compreender a identidade cultural formada na população francisquense e mantenedora derivada do Contestado foi preciso trazer também para esse discurso os pensamentos do teórico cultural e sociólogo Stuart Hall, um contributo importante para este estudo.

Cada pessoa em particular carrega consigo uma gama de sentimentos, gestos e símbolos que, aos poucos, vai formando sua identidade, portanto, "a identidade é marcada por meio de símbolos" (HALL, 2014, p. 9), e isso é algo único, visto que "as identidades são produzidas em momentos particulares no tempo" (HALL, 2014, p. 39). Nesse sentido, cada um tem sua própria identidade, tem sempre algo em comum com o outro e, nesse contexto, constrói-se a história. No que se refere ao Contestado, a busca pela preservação da identidade daqueles que vivenciaram esse período torna-se fundamental para preservar a cultura da população do local e do Estado do Espírito Santo. Assim, "no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural" (HALL, 2006, p. 47).

Somado a isso, a atenção em resgatar esse processo histórico também visa preservar a cultura nacional, que é consequência direta de tantas identidades. No entanto, é preciso estar atento, pois "[...] a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, mas pode ser ganhada ou perdida" (HALL, 2006, p.21).

### 3 CAMINHOS PARA ESCREVER UMA HISTÓRIA

*O cachorro crê morder um osso, quando na realidade  
está mordendo a própria cauda.*  
**Carlo Ginzburg**

Entre aquilo que se acredita ser e o que verdadeiramente é pode existir um abismo; é o que nos leva a crer a epígrafe de Ginzburg, historiador fascinado pela investigação nos moldes do crítico de arte Giovanni Morelli e do romancista Arthur Conan Doyle. Baseado nesse olhar, Ginzburg traz o paradigma indiciário que pressupõe um conjunto de princípios e procedimentos contendo um método heurístico centrado nos dados considerados marginais, no detalhe, nas pistas deixadas por resíduos, indícios, sinais, vestígios ou sintomas. Nesse sentido é fundamental observar para além dos documentos oficiais, e também se dedicar às notas, às observações, ao não intencional, enfim, tudo o que complementa os documentos oficiais.

Com essa perspectiva, para realizar uma pesquisa como o Contestado, que se baseia principalmente nos relatos de moradores e pouquíssimas fontes documentais, foi necessário recorrer aos mínimos detalhes que Ginzburg tanto menciona. Isso porque muitas coisas se escondem em uma obra de arte que passam despercebidas aos olhos de quem as vê apressadamente. A história, como sempre, deixa rastros e sinais, cabendo ao pesquisador atentar-se para não ignorar fragmentos importantes. Convém lembrar que, segundo o mesmo historiador, toda história deriva do princípio do paradigma indiciário, logo, se estende para caminhos mais vastos.

Para Ginzburg (1989, p. 45), "Testamentos, cartas de mercadores, aventuras amorosas [...] como escreve Bing Warburg ensinou que se pode fazer ouvir vozes humanas articuladas também a partir de documentos de pouca importância". Documentos sem importância, citados pelo autor, são muitas vezes aquele detalhe ignorado por falha do pesquisador ou por julgar de pouca relevância, porém, são os detalhes que remontam no presente o passado enigmático do Contestado. Portanto:

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas da lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitas e sinais como fios de barba [...]. Na falta de uma documentação verbal para se pôr ao lado das pinturas rupestres e dos

artefatos, podemos recorrer às narrativas de fábulas, que do saber daqueles remotos caçadores transmitem-nos às vezes um eco, mesmo tardio e deformado. [...]. "Decifrar" ou "ler" as pistas dos animais são metáforas. Sentimo-nos tentados a tomá-las ao pé da letra, como a condensação verbal de um processo histórico que levou, num espaço de tempo talvez longuíssimo, à invenção da escrita (GINZBURG, 1989, p. 151-152).

Ao utilizar o exemplo de Ginzburg é possível analisar o historiador como esse caçador que, com tempo e prática, aprimora seus conhecimentos na busca por documentos históricos, devendo, contudo, evitar, sempre que possível, sua fragmentação. É trabalhar com detalhes e formar, assim, um quebra-cabeça de um determinado período ou época, [...] "o conhecimento histórico é indireto, indiciário conjectural" (GINZBURG, 1989, p. 157), ou seja, não há uma especificidade de onde encontrá-lo, mas é possível com os métodos indiciários alcançar os objetivos desejados. É compreensível que a história estuda o comportamento humano e suas transformações na sociedade. Dessa forma, a história do Contestado é uma transformação que, de certo modo, alterou o comportamento político e social da população das cidades de Barra de São Francisco e Mantena em uma determinada época. Assim, com a orientação dos métodos de Ginzburg, buscamos escrever essa história que produziu profundos impactos sociais e evitar, desse modo, que ela se perca.

Para Ginzburg (1989, p. 89), "O historiador tem de lidar com acontecimentos irrepetíveis, o conceito de explicação há de ser usado com cautela", portanto, escrever a história do Contestado exige um trabalho detalhado a ser feito por meio de fontes, neste caso, fontes orais baseadas em entrevistas com moradores das cidades de Barra de São Francisco e Mantena. Por ser uma pesquisa com escassas fontes bibliográficas, a história oral torna-se o método mais viável porque muitos moradores da região vivenciaram grande parte dos acontecimentos mais marcantes daquela época. Nesse sentido:

Conforme os casos, a história acaba ou por restringir a considerações sobre coincidências individuais, sem poder alcançar um panorama mais amplo, ou por se limitar a partilhar as opiniões que os homens de várias épocas tiveram sobre si mesmos. Isso porque é evidente que o historiador estabelece conexões, relações, paralelismos que nem sempre são diretamente documentados, isto é, são na medida em que se referem a fenômenos surgidos num contexto econômico, social, político, cultural, mental etc. (GINZBURG, 1989, p.73).

Para trabalhar com a história oral foi preciso realizar uma pesquisa minuciosa e selecionar determinadas pessoas para falar sobre o tema. Assim, buscou-se nas

idades por aqueles que viveram parte da história do Contestado entre as cidades de Mantena-MG e as cidades capixabas Barra de São Francisco e Água Doce do Norte-ES (na época, Água Doce do Norte era apenas um distrito de Barra de São Francisco). Os motivos da escolha dessas cidades para a pesquisa de campo foram pelo fato delas terem sido o foco das tensões políticas e sociais desse período histórico, eram os maiores núcleos populacionais da região norte no período do Contestado. Desse modo, apesar de mais de 50 anos do ocorrido, como ainda alguns moradores dessas cidades que vivenciaram parte daquele período ainda estão vivos, o critério de escolha se baseou nos conhecimentos obtidos considerando-se, principalmente, a época em que as pessoas chegaram às cidades ou cresceram vendo de perto o conflito.

O processo de busca foi lento, já que muitas pessoas não residem mais nessas cidades, mas são pessoas com histórias marcantes e que poderiam contribuir bastante com esta pesquisa. Pode-se dizer que trabalhar com fontes orais implica em enfrentar dificuldades e superar obstáculos, pois nem todos têm habilidade para falar ou estão disponíveis. Assim, para encontrar as pessoas que realmente conheciam a história e estavam dispostas a contribuir, foi preciso realizar pesquisas em prefeituras, cartórios, igrejas e outros meios disponíveis, como contatos de amigos.

No que se refere à história oral, o alicerce teórico encontra-se na obra *História Oral: Desafios para o século XXI*, organizados por Marieta de Moraes Ferreira, Tânia Maria Fernandes e Verena Alberti. A obra traz o direcionamento de como trabalhar com fontes orais de forma coerente. Para as autoras:

Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o "indescritível", toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas "muito insignificantes" - é o mundo da cotidianidade -ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita. É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motorecriador da história quanto o universo racional (FERREIRA, FERNANDES e ALBERTI, 2000. p. 32).

Em outro livro, *Manual da história oral*, Alberti explica que uma pesquisa oral não é tão simples como parece:

Fazer história oral não é simplesmente sair com um gravador em punho,

algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho dispostos a falar um pouco sobre suas vidas. Essa noção simplificada pode resultar em um punhado de fitas gravadas, de pouca ou nenhuma utilidade, que permanecem guardadas sem que se saiba muito bem o que fazer com elas. Muitas vezes tal situação é criada por uma concepção talvez ingênua e certamente equivocada de que a história oral, em vez de meio de ampliação de conhecimento sobre o passado, é, digamos, o próprio passado reencarnado em fitas gravadas como se o simples fato de deixar registrados depoimentos de atores e /ou testemunhas do passado eximisse o pesquisador da atividade de pesquisa (ALBERTI, 2004, p.29).

Nessa linha de pensamento e com os métodos disponibilizados pela autora, é importante destacar que "estudar as versões que os entrevistados fornecem, a escolha dos entrevistados, o número de entrevistados" (ALBERTI, 2004, p. 32). Desse modo, foi fundamental realizar entrevistas claras e objetivas para fazer emergir a memória dos entrevistados sobre a história do Contestado.

No que se refere às entrevistas, utilizou-se o que é denominado roteiro não estruturado, visto que as gravações ocorreram de forma espontânea. Posteriormente, as partes mais coerentes com a pesquisa foram utilizadas e originaram histórias interessantes, as quais geraram novas perguntas para compreender melhor o assunto. Nesse contexto, conclui-se que as entrevistas, de certa forma, não foram estruturadas, o que acabou produzindo entrevistas mais interessantes.

Outro método utilizado foi consultar recortes de jornais e revistas (como a antiga Século Diário do Espírito Santo e a revista O Cruzeiro, do Rio de Janeiro). Essas revistas contêm breves matérias referentes à história do Contestado, cujo acesso ao material ocorreu por meio de acervos particulares: a revista O Cruzeiro por meio da Secretaria de Cultura de Mantena, e as revistas Século Diário do Espírito Santo foram cedidas pelo escritor e jornalista Adilson Vilaça, sendo ele o autor das matérias na revista. Após a leitura desses materiais, as partes relacionadas à história do Contestado nas regiões de Barra de São Francisco e Mantena serão citadas no decorrer deste trabalho.

Algumas fotografias antigas das cidades de Barra de São Francisco, Mantena e região também foram utilizadas com o objetivo de enriquecer esta pesquisa. São documentos raros que ajudam a compreender o que foi o Contestado. Essas fotografias referentes à Barra de São Francisco e Mantena pertencem a acervos particulares, são de colecionadores e de famílias antigas da região. Elas foram analisadas pela qualidade

da imagem, ou seja, para serem incorporadas ao trabalho, precisavam estar em bom estado de conservação e com boa visibilidade. Outro critério foi determinar a data ou o ano desses documentos, que deveria situa-se entre os anos 1935 a 1963, período dos conflitos litigiosos na região. As imagens foram utilizadas como documentos para comprovar momentos históricos importantes da época. Foram utilizadas na parte escrita da pesquisa, de acordo com a necessidade e relevância para o texto em si.

Para finalizar a pesquisa foi produzido um documentário, resultado das entrevistas com as pessoas da região. Para criá-lo e montá-lo foram utilizadas apenas as partes em que as falas estão mais claras e objetivas, demais consenso entre as falas dos personagens que, por sua vez, corroboram com as referências bibliográficas sobre o Contestado. O objetivo do documentário é ser um material pedagógico para ser utilizado nas escolas da região como ferramenta de trabalho para os professores em sala de aula.

### 3.1 SUJEITOS DA PESQUISA

A base de toda a história do Contestado citada neste estudo está alicerçada na colaboração daqueles que, direta ou indiretamente, forneceram dados e informações que tornaram possível construir tanto o trabalho escrito quanto o documentário. Para encontrar as pessoas mais relevantes para desenvolver este trabalho a pesquisa de campo foi realizada em prefeituras, secretaria de educação, cartórios, igrejas e as Lojas Maçônicas Fraternidade do Universo de Água Doce do Norte, Luz e Caridade de Mantena e 14 de julho de Barra de São Francisco, que indicaram alguns nomes para a pesquisa.

Em Barra de São Francisco, a seleção dos entrevistados teve apoio da Loja Maçônica 14 de Julho, que indicou os moradores que viveram parte do Contestado. Entre eles, Adão Simões, um professor de História respeitado na região, que foi um dos primeiros moradores de Barra de São Francisco. Sua importância para os francisquenses é grande, pois ele participou da construção dos momentos mais marcantes da cidade como: a construção do Banco do Brasil, a primeira banda marcial, e de um dos primeiros colégios da cidade, João XXIII. Adão Simões viveu boa parte do Contestado, ele chegou à cidade no início dos anos 1940. Outro relevante morador francisquense

é o Sr. Jorge Nalasco, sugerido também pela Loja Maçônica 14 de Julho. Jorge foi soldado capixaba na época do Contestado, presenciou muitas mortes e desavenças na época, sua contribuição como policial foi importante para compreender as divergências entre as forças policiais do Contestado. Pedro Castilho é um comerciante famoso da cidade de Barra de São Francisco e foi outra fonte importante, sendo também antigo na cidade. Por ser comerciante, estava sempre lidando com o povo e conhece muitas histórias do período. Edinho Pereira foi prefeito de Barra de São Francisco e, apesar de jovem e não ter vivido na época do Contestado, seu pai foi um dos primeiros moradores da cidade. Além disso, possui um acervo a respeito e pesquisou muito sobre esse período, se expressa muito bem e sua participação foi importante. Outra personagem importante para este estudo foi Marlídia Alves, professora, escritora e pesquisadora sobre a História de Barra de São Francisco; é autora do livro "O passado e o presente de Barra de São Francisco", no qual relata com muita seriedade o Contestado, explicando como ocorreram as invasões mineiras em terras capixabas. Soma-se a eles Carlos Madureira, jornalista e radialista, que reside hoje em Linhares-ES, é ex – morador de Barra de São Francisco e foi um pesquisador do Contestado, apresentado pela Loja Fraternidade do Universo.

Da cidade de Mantena, duas pessoas foram fundamentais para compreender a versão dos mineiros em relação à história do Contestado. Anilda Gomes da Costa, ex-secretária da cultura, professora e uma conhecedora da História de Mantena, foi a responsável por organizar um acervo que conta a história da cidade, parte dele se encontra na Secretaria da Cultura de Mantena. Foi indicação da Loja Maçônica Luz e Caridade. Aniversino Ferreira, também da cidade de Mantena, foi policial na época do Contestado, guarda ainda com muito carinho as medalhas, afarda e os certificados da época do Contestado, e o contato com ele foi promovido pelo sr. Júnior, jornalista da cidade e organizador do site Portal Mantena.

Da cidade de Água Doce do Norte foram entrevistadas três pessoas de grande relevância. Otávio Augusto, primeiro prefeito de Água Doce do Norte e que chegou à região no período do Contestado. José Antônio Fagundes de Oliveira, morador também de Água Doce do Norte, mora no distrito de Café Ralo, que foi um dos lugares mais tensos do Contestado, e viu de perto muitos problemas a esse respeito, ele foi indicação da Loja Maçônica Fraternidade do Universo. Vasco Joaquim da Costa foi



um dos primeiros vereadores da cidade, também viveu o Contestado, mora no distrito de Santo Agostinho, região muito disputada entre os dois Estados, e o contato foi feito por meio de um colega professor.

Devido ao tempo transcorrido e mudanças na vida das pessoas envolvidas, as entrevistas foram realizadas além da área na qual ocorreu o conflito, visto que pessoas que moravam em Barra de São Francisco, Mantena e Ecoporanga, atualmente residem em outras cidades. Jader Alves, hoje morador de Teixeira de Freitas-BA, é um homem apaixonado por Barra de São Francisco e um especialista sobre o Contestado, sua família também faz parte dos primeiros moradores da cidade. Claudino de Jesus mora em Vila Velha-ES, é médico, cineasta e pesquisador da história e cultura capixaba. Cloves Mendes, ex-morador de Mantena, mora em Vitória-ES, Cloves é cineasta e empresário, diretor de diversos filmes, entre eles "50 anos do Contestado", é sobrinho do primeiro prefeito de Mantena e possui vasto conhecimento sobre o Contestado. Finalizando, entre os sujeitos de pesquisa também se encontra Adilson Vilaça, ex-morador de Ecoporanga, nascido em Minas Gerais e apaixonado pelo Espírito Santo, que mora em Vitória. Pesquisador, jornalista, diretor e escritor de vários livros, o contato foi possível ao realizar pesquisas nas redes sociais. Após o contato inicial, a grande amizade estabelecida entre ele e o pesquisador resultaram na participação mais significativa neste trabalho.

Além das entrevistas, alguns sujeitos contribuíram com fotografias e imagens sobre o Contestado, pessoas com acervo particular, como o ex-morador francisquense Edivaldo Lima, atualmente em Vitória-ES, o sr. Ferreira, colecionador de fotos antigas, e o sr. Euclides, também um colecionador de fotos antigas, ambos de Barra de São Francisco, todos indicados pela Loja Maçônica 14 de Julho.

### 3.2 AMBIENTES DAPESQUISA

Os ambientes principais da presente pesquisa são as duas cidades envolvidas no conflito do Contestado: Barra de São Francisco, localizada no Estado do Espírito Santo, e Mantena, no Estado de Minas Gerais.

Figura 1: Mapa da Região entre Barra de São Francisco-ES e Mantena-MG



Fonte: Google Maps. Disponível em <<https://www.google.com/maps/@-18.7631778,-40.9351798,12z?hl=pt--BR>>. Acesso em 25 ago.2018.

Conforme a Figura 1, as cidades são ligadas pela BR 381. A distância entre as cidades é de 13 km, e o tempo de deslocamento de automóvel gira em torno de 12 minutos.

#### a) Barra de São Francisco

A cidade nasceu da imigração de pessoas provenientes de diversas regiões de Minas Gerais, bem como de cidades do Espírito Santo, particularmente de Colatina e São Mateus. Delas vieram os posseiros em busca de terras férteis para o desenvolvimento da agricultura e pecuária, onde hoje se localiza a cidade. O primeiro passo desses pioneiros foi derrubar e abrir as matas, extensas e abundantes. Jacarandás, perobas, pau-brasil entre outros, eram encontradas em grandes quantidades, o que fez com que muitos vislumbassem um futuro promissor junto às margens dos rios São Francisco e Itaúnas. Por volta de 1930, fundou-se o povoado por nome de São Sebastião, ligado ao município de São Mateus. O nome São Sebastião vigorou até 1938, quando a região passou a ser denominada Barra de São Francisco e continuou como distrito até o ano de 1943. Em 31 de outubro do mesmo ano tornou-se município, desmembrando-se de São Mateus.

Figura 2: Barra de São Francisco



**Fonte:** Site da Barra: <<http://sitebarra.com.br/2015/09/confira--algumas--fotos--de--barra--de--sao--francisco--atraves--dos--cliques--de--wesley--faeny.html>>. Acesso em 25 ago. 2018.

Atualmente, a cidade possui uma população de 40.649 habitantes, tem como economia a agropecuária e, principalmente, o granito.

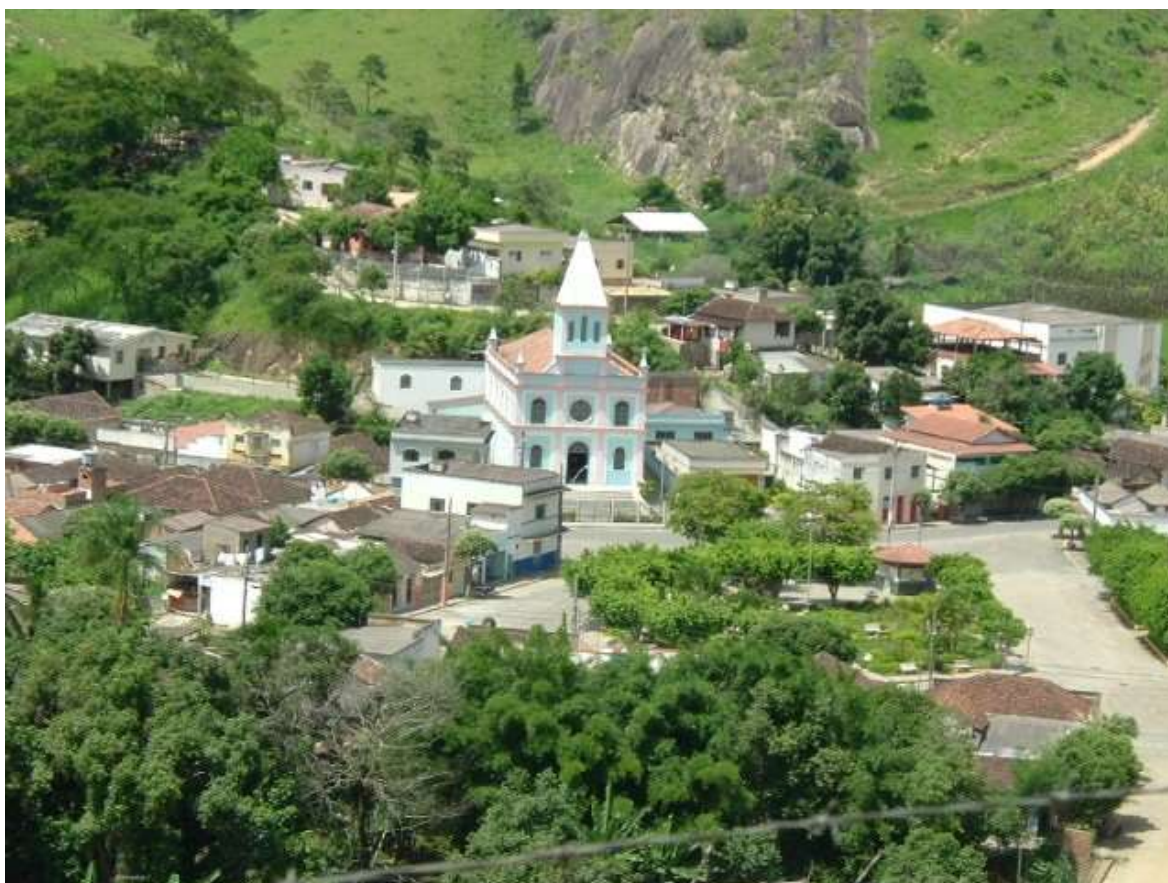
## **b) Mantena**

De acordo com os dados da prefeitura de Mantena, a presença dos mineiros no território em que se situa Mantena começou oficialmente por volta de 1920. Isso aconteceu graças aos padres capuchinos, entre eles, destaca-se Frei Inocência de Comiso. Naquela época, as terras que hoje formam o município de Mantena estavam anexadas ao Município de Itambacuri-MG, fazendo parte do Distrito chamado Lajão. Posteriormente, o distrito de Lajão foi desmembrado de Itambacuri, surgindo o município de Conselheiro Pena. Em 1930, o sr. Emiliano Ferreira Junior comprou grande parte dessas terras e veio a ocupá-las com sua família. Dois anos após se instalar nas terras, desgostou-se devido à morte de sua filha e resolveu vendê-las para Cândido Ribeiro Gonçalves, conhecido como Cândido Ilhéu.

Cândido Ilhéu comprou todo o patrimônio e doou uma parte para a construção do povoado que, com apenas sete casas, recebeu o nome de "Barra do Córrego dos

Ilhéus", em homenagem ao doador. Naquela época, o prefeito do Município de Conselheiro Pena, Dr. Sebastião Anastácio de Paula, com o crescimento do povoado, transformou-o em distrito. Os conflitos litigiosos começaram a partir daí, pois os capixabas já haviam tomado posse da região pouco antes da formação do distrito.

Figura 3: Mantena



**Fonte:** <https://www.ferias.tur.br/fotos/3375/mantena--mg.html>

Em 4 de janeiro de 1944 foi criado o município de Mantena, tendo como seu primeiro prefeito o sr. José Fernandes (conhecido como Fernandinho).

Atualmente, o município de Mantena, apesar da distância da capital do Estado de Minas Gerais, vem lutando contra qualquer estagnação, tem diversificado sua economia. Tem se destacado por meio de grandes empresas da área têxtil, como a Rabbit, e mineradoras de exploração de granitos, exportados por todo o mundo, além de atividades pecuária e de produção de leite que também geram receitas e fortalecem o comércio local. A prefeitura de Mantena conta ainda com uma Secretaria de Indústria e Comércio para dar suporte a novos empreendedores que se interessam em implantar suas empresas na região. A população estimada em 2016 é de 28.097 habitantes.

## 4 MEMÓRIAS DO CONTESTADO: APRESENTANDO RESULTADOS

*As pessoas sabem aquilo que elas fazem;  
frequentemente sabem porque fazem o que fazem;  
mas o que ignoram é o efeito produzido  
por aquilo que fazem.*  
**Michel Foucault**

Este capítulo foi organizado tendo em vista os objetivos propostos para esta pesquisa. Assim considerando, apresentamos discussões em torno do Contestado sob a ótica dos moradores de Barra de São Francisco e Mantena, resultado das coletas de dados ao longo da pesquisa.

O capítulo está dividido em tópicos que buscam historicizar o Contestado na perspectiva de moradores das cidades envolvidas. Em seguida, analisa as transformações decorrentes do Contestado, como as questões econômicas, políticas, sociais e culturais que transformaram o cotidiano da população na época do conflito e que, de certa forma, está presente naqueles que viveram parte dessa história. Assim, pretende-se, por meio dos depoimentos desses sujeitos, construir o presente estudo.

### 4.1 O CONTESTADO NA ÓTICA DOS MORADORES DE BARRA DE SÃO FRANCISCO

Devido ao pequeno contingente populacional do Espírito Santo e a falta de recursos desde a época das capitâneas hereditárias, o povoamento ocorreu apenas nas regiões litorâneas, o norte do Estado era pouco desbravado, havia muitas matas, índios e pouco progresso econômico. Somente a partir de 1928 é que o avanço começou de fato, ou seja, após a construção da ponte sob o Rio Doce em Colatina-ES. De acordo com as palavras de Vilaça:

*No que foi definido como Sudeste brasileiro o Espírito Santo é o estado de menor expressão econômica, ele não é o menor, mesmo tendo perdido muito território, é maior que o Rio de Janeiro, mas sempre com uma população muito pequena e com uma dificuldade em ter uma densidade demográfica. O que potencializa o desenvolvimento de um estado, de um município, de um país, é o contingente populacional.*

**Adilson Vilaça**

Vitória-ES, 25 de maio de 2018<sup>3</sup>

Minas Gerais, que naquela época já era um Estado economicamente mais forte e com

uma população muito grande, tinha facilidade em adentrar as fronteiras capixabas em busca de terras férteis e com um objetivo muito claro, ter acesso ao mar. As questões litigiosas do Contestado, de acordo com a população francisque, começaram com as invasões dos mineiros, foi uma época em que aqueles que eram mais pobres ficavam à mercê dos grandes coronéis, o norte capixaba eram um alvo fácil. Mas, para Vilaça, os mineiros estavam errados:

*O território de Minas Gerais seria do Espírito Santo desde logo porque desde a época das Capitânicas Hereditárias se podia avançar para o interior o quanto quisesse, como o Espírito Santo não conseguiu passar da Serra do Mar, os paulistas passaram por trás, fizeram a exploração das esmeraldas e depois do ouro. Assim nasceu Minas Gerais, tendo como parteira a Província de São Paulo, e como padrinho o rei de Portugal.*

**Adilson Vilaça**

Vitória-ES, 25 de maio de 2018

Entretanto, antes que a discórdia chegasse a terras francisquenses, o estopim do conflito começou em outra região, a Serra dos Aimorés que, com o tempo e a confusão de denominações, se tornou o real pomo da discórdia. Em 1911, a montanha foi mantida na documentação topográfica, considerando-se, ainda, os marcos de 1800 da Carta Régia, portanto, conforme os relatos:

*Enquanto os mineiros diziam que a Serra dos Aimorés estava situada em Águia Branca, no Espírito Santo, os capixabas rebatiam, afirmando que era em Conselheiro Pena, em Minas. E, nesse meio, “ficou a região contestada por ambos”, relatou ao ex-prefeito de Mantena Adrião Baía, de 86 anos, que chegou à região aos 18 anos, vindo de Mutum, no Vale do Rio Doce, para trabalhar como escrivão do crime. O certo mesmo é que a pendenga foi parar no Supremo Tribunal Federal (STF) e, em 1914, resultou num “laudo arbitral”, confirmando a Serra dos Aimorés como divisor oficial. A partir de então, o clima não parou de esquentar e pôs em ebulição o medo, a insegurança e as ameaças. Segundo o ex-político, “toda localidade tinha dupla jurisdição, convivendo uma autoridade do Espírito Santo e outra de Minas. Quem torcia por Minas, registrava o filho em cartório mineiro, e quem era a favor do Espírito Santo fazia o contrário”.*

**José Carlos Madureira**

Linhares-ES, 29 de junho de 2018

<sup>3</sup> Neste capítulo, sempre que o texto estiver formatado com fonte tamanho 11, espaçamento 1,15, itálico, e recuo 4 cm, trata-se da fala de um entrevistado.

A contenda era grande e as divergências acirraram-se, de acordo com os entrevistados. Esses sentimentos influenciaram significativamente a afirmação da identidade francisque e matenense, apontando na direção do que diz Hall (2006).

Figura 4: Capitania do Espírito Santo, segundo a Carta Régia



Fonte: Oliveira (1975, p. 174 *apud* Pontes, 2007, p. 32).

Conforme mostra o mapa da Figura 4, Minas avançou de fato sobre o Espírito Santo devido ao desenvolvimento da Capitania; o ouro descoberto a partir do século XVIII aumentou consideravelmente o contingente populacional de Minas Gerais, que avançou sobre as fronteiras capixabas até a época do conflito litigioso. Como consequência, o município de Barra de São Francisco perdeu um território importante, Gabriel Emílio (atual município de Mantena-MG) para os mineiros. Além disso, dois anos após ter sido fundado um pequeno povoado naquela região, houve uma revolta das autoridades capixabas, no entanto, pouco – pôde ser feito, pois o medo de perder todo o território ao norte do Estado era muito grande e o povo francisque temia uma invasão a qualquer momento. Além da questão do ouro, outro fator foi que, de acordo com o projeto dos mineiros para chegar ao mar pelo caminho de mais fácil acesso, era preciso passar por Barra de São Francisco em direção ao rio Cricaré, que abrigava um porto na cidade capixaba de São Mateus. Desse modo, escoar os produtos mineiros por essa região alavancaria muito o comércio mineiro, sendo que o outro alvo seria Conceição da Barra.

*A fragilidade populacional deixou o Espírito Santo em dificuldades de enfrentar de igual para igual os estados vizinhos. A pressão de Minas Gerais para ter acesso ao mar foi grande e foi ao longo de toda a fronteira, o sonho de Minas Gerais se a poderar passou a ser o que fica acima do Rio Doce, o Norte do Espírito Santo, tomando as cidades ao norte que na época tinham pouca comunicação com Vitória era o caminho para se chegar ao mar.*

**Adilson Vilaça**

Vitória-ES, 29 de junho de 2018

No entanto, é em Barra de São Francisco que os mineiros encontraram dificuldades para dar continuidade ao projeto de chegar ao mar. A história da cidade de Barra de São Francisco mostra que foi um processo muito lento e com muitas dificuldades. Isso porque de diversas regiões de Minas Gerais, Colatina e São Mateus vieram os posseiros em busca de terras férteis para desenvolver a agricultura e a pecuária onde hoje se localiza a cidade.

Figura 5: Barra de São Francisco -- 1937



Fonte: Arquivo Ferreira

O povo francisquense era uma população muito simples que ficava sob o jugo das autoridades dos dois estados, sendo que os mineiros ameaçavam constantemente as terras capixabas, conforme afirma o ex-morador francisquense Claudino de Jesus. Para tentar assegurar seu território invadido pelos mineiros, os capixabas mandavam construir instituições, como escolas, cartórios, destacamentos policiais e também mandavam padres para erguer igrejas na tentativa de garantir a paz na região



contestada. Eram tempos difíceis, também não havia o serviço de correios, e a única forma de comunicação escrita era pelos "mensageiros", pessoas voluntárias que se dignavam a enviar e levar aos mais distantes pontos, informações de moradores e viajantes que se deslocavam para o Estado do Espírito Santo. As construções eram rústicas e comumente de madeira ou, quando muito, feitas de barro e cobertas com tabuinhas, não havia iluminação nem mesmo rede de energia elétrica e, ao escurecer, a iluminação das casas era feita por lamparinas e querosenes. Por volta de 1945, a energia chegou à cidade por meio de um gerador a óleo, porém a partir das 22 horas toda a energia era desligada e a cidade ficava na escuridão, conforme relataram os moradores entrevistados.

*Meu pai foi o terceiro morador de Barra de São Francisco, quando ele chegou era tudo praticamente mata, eu cresci vendo isso. Quando a gente saía da periferia da cidade já entrava na mata, uma ida de Barra de São Francisco a Colatina levava quase um dia de viagem. Barra de São Francisco era algumas ruas de chão batido, na minha infância não tinha energia elétrica, não existia telefone e televisão. Tinha o rádio da vovó Celina que conectava a gente com o mundo. Apesar do clima de guerra, a gente era feliz.*

**Claudino de Jesus**  
Vila Velha-ES, 27 de maio de 2018

O cenário da cidade, contudo, foi mudando aos poucos devido às terras abundantes e férteis, promoveram aumento no crescimento populacional e pessoas vieram de todas as regiões em busca de trabalho, de um pedaço de terra para extrair madeira, criar gado e plantar café. Essas riquezas acirraram os ânimos nas áreas litigiosas entre Barra de São Francisco e Mantena. Portanto, o desejo dos mineiros já não era apenas chegar ao mar, mas também tomar posse dessas ricas terras capixabas. "Por trás de chegar ao mar havia uma guerra de tributos, de grandes proprietários de terras, apoiado pelos governos dos dois estados", é o que relatou Claudino de Jesus. Diante disso havia cobranças de impostos abusivos:

*Havia dois postos coletores de impostos, a pessoa tirava um café no Espírito Santo e pagava impostos ao posto coletor capixaba, mas ao passar na fronteira, pagava imposto novamente ao posto coletor de Minas Gerais. Era uma confusão só em Café Ralo, as coisas esquentaram. Havia um posto coletor capixaba que estava lucrando muito, pois os mineiros, para passar com o café para dentro do seu estado, tinha que passar em Café Ralo, as autoridades de Minas vieram e fizeram uma estrada desviando do posto coletor para que não pagasse mais imposto ao posto capixaba. Foi uma confusão, quase houve uma guerra. Tinha muito café, muita madeira, era uma região muito rica.*

**Antônio Fagundes de Oliveira**

Figura 6: Barra de São Francisco -- 1949

**Barra de São Francisco - ES**

Fonte: Arquivo Ferreira

Havia uma pressão constante e, por ter mais força policial, as autoridades de Minas Gerais, no início, ameaçavam a paz do povo de Barra de São Francisco e região. Desse modo, em 1937, já com um pequeno contingente populacional de aproximadamente duas mil pessoas em Barra de São Francisco, os moradores francisquenses começaram a sofrer as pressões e arbitrariedades da polícia mineira:

Em 2 de fevereiro de 1938, chegava ao governo do Espírito Santo um abaixo-assinado com 72 assinaturas e uma listagem constando os nomes de mais de 89 pessoas que davam apoio e deixaram de assinar por não saberem ler e nem escrever. Nesse documento se relatam as arbitrariedades das autoridades mineiras em terras capixabas. Em 4 de abril do mesmo ano o fiscal de Barra de São Francisco envia ao interventor federal João Punaro Bley um relatório em que novamente descreve as violências da polícia mineira aqui infiltrada (ALVES, 1990, p.196-197).

Essas questões podiam gerar um provável conflito, visto que, ao longo da história, é possível observar que a maioria dos conflitos ocorreu por questões econômicas e políticas. Assim, o contexto daquela época e a zona em litígio sinalizaram sérios problemas, além de haver um Estado mais bem constituído ameaçando um Estado em construção e de menor proporção territorial, porém com acesso ao mar.

Embora isso ocorresse, Barra de São Francisco (Figura 5) foi crescendo e se modernizando, mesmo ainda existindo atritos entre mineiros e capixabas. Contudo, para compreender melhor tudo isso, é preciso também analisar a época desses conflitos: o encerramento do período da República Velha e o início do governo de Getúlio Vargas, ou seja, ainda era uma época na qual grandes coronéis e latifundiários dominavam o país. Esse fato marcou bastante o povo francisquense, principalmente, quando a cidade de Mantena passou a pertencer ao Estado de Minas Gerais e Barra de São Francisco foi ameaçada várias vezes pelas forças policiais mineiras. Claudino relatou o medo vivenciado na infância com a instabilidade que ocorria em Barra de São Francisco:

*Certo dia, eu estava soltando pipa no Morro da Colina e alguém gritou:  
-Desce! Que Mantena está invadindo!  
Nisso, subiram os soldados com suas metralhadoras  
Para defender a cidade das tropas mineiras.  
A gente era criança e não entendia porque tinha que descer,  
aquele era o meu morro de soltar pipa.*

**Claudino de Jesus**  
Vila Velha-ES, 27 de maio de 2018

Como o conflito se tornou mais tenso com o passar dos anos e, conseqüentemente, com o aumento de mineiros e capixabas nas áreas de conflitos como Barra de São Francisco e Mantena, muitas pessoas amedrontadas foram embora da região. Na época, os mineiros queriam vir para Barra de São Francisco e os capixabas pretendiam cercá-los, porém era muito difícil. Caso houvesse atrito, o Estado do Espírito Santo não tinha força suficiente para enfrentar as dificuldades, o contingente policial era pequeno, corria-se o risco de eles entrarem e saírem vitoriosos. As polícias mineiras passavam por Barra de São Francisco e andavam em todas as regiões contestadas sem sofrer nenhuma ameaça pela polícia capixaba. Apesar disso, sempre havia intervenção de políticos e demais autoridades para evitar um banho de sangue. Tem-se como exemplo da força do Estado mineiro, por exemplo, onde hoje situa-se a cidade de Água Doce do Norte-ES, na época era uma vila pertencente a Barra de São Francisco, e os mineiros, ao povoarem a região, tiveram a audácia de alterar os nomes das localidades. Inclusive, incluíram nos mapas do estado mineiro da época as cidades sob jurisdição capixaba, isto é, Água Doce do Norte foi denominada Água Doce do Mantena, Santo Agostinho tornou-se Santo Agostinho de Minas, bem como com outras localidades.

*O contestado virou um local de muita violência, as duas polícias tratavam as pessoas e entre si também com muita violência, as mortes eram comuns. Em*

*Barra de São Francisco durante o dia os mineiros deixavam que se preservasse uma certa ordem, a delegacia que tinha instalada era capixaba, o policiamento capixaba tomava conta das coisas, só que o contingente de polícia mineira acampada era muito maior dos que havia na delegacia capixaba. A noite o policiamento mineiro saía do acampamento de fuzil, submetralhadora e revolver e davam tiroteio pela cidade, ai eles botavam a ordem ou melhor dizendo a desordem que eles Bem quisesse.*

**Adilson Vilaça**

Vitória-ES, 25 de maio de 2018

Ao analisar as falas de Vilaça, pode-se afirmar que as forças policiais mineiras e capixabas durante o período do Contestado enfrentaram diversos momentos de tensões. Nitidamente, cada uma estava defendendo seu estado, bem como preparada para um conflito armado caso ocorresse; além disso, os dois destacamentos marcaram presença nas fronteiras ou nas áreas litigiosas.

Extorsões, ameaças e assassinatos foram comuns no auge do conflito em meados dos anos 1950. Porém, embora um conflito direto entre as forças policiais não tenha acontecido porque, no final, o Contestado foi resolvido por vias democráticas entre os dois estados, as forças mineiras eram muito superiores em quantidade e poder bélico, como afirma Vilaça e como pode ser observado na Figura7.

Figura 7: Destacamento da polícia mineira -1940



Fonte: Acervo particular: Aniversino Ferreira de Souza - morador de Mantena-MG

A Figura 7 mostra claramente o poder bélico da polícia mineira, uma ameaça constante para os capixabas. De acordo com o relato dos vários moradores, quando a polícia do Espírito Santo prendia um mineiro, a polícia mineira ia até a delegacia capixaba em um grande número de policiais e mandava soltar o prisioneiro. Pode-se dizer que o Contestado gerou imensos problemas, entre eles, o problema do pagamento de impostos, pois o camponês que plantava um café não sabia para qual coletoria pagar imposto, e também o nascimento de crianças, já que a família não sabia em qual cartório deveria registrar a criança. Um casamento feito em solo mineiro não era reconhecido no Espírito Santo e vice-versa, e quem matava em Minas Gerais não tinha o crime reconhecido no Espírito Santo e, muitas vezes, o contrário também ocorria. Foi uma época marcada por insegurança, medo e incertezas.

Essas situações de conflito entre as forças policiais se estenderam até meados de 1960, sendo que nos anos de 1942 e 1943 novos choques ocorreram entre a polícia do Espírito Santo e a polícia mineira. Um episódio inflamou esse problema quando "Um soldado de nome Pimenta, destacado em Gabriel Emílio, assassinou um soldado mineiro devido a insultos e provocações deste, quanto a ser de cor negra, sendo humilhado pelo colega de farda, com a seguinte frase: Preto e porco só faz barba dia que morre" (ALVES, p. 205). Esse episódio pitoresco acirrou os ânimos entre as forças policiais dos dois estados e deixou a população em alerta devido a uma possível retaliação por parte dos mineiros. Como consequência, os soldados capixabas construíram trincheiras nos morros da cidade e permaneceram ali muitas noites, à espreita dos mineiros que ameaçavam a invasão.

*Inúmeros relatos contam que o então soldado Elizeu Divino, que integrava as tropas capixabas, estava destacado na localidade de Café Ralo, hoje pertencente a Água Doce do Norte e na divisa com Mantena. Ele, em certa manhã, levantou-se de onde estava amoitado e foi a um córrego lavar o rosto quando foi surpreendido por vários tiros e morto por tropas mineiras. Ele dá nome a uma das principais vias de Barra de São Francisco.*

**José Carlos Madureira**  
Linhares-ES, 29 de junho de 2018

Por volta de 1946, Jones dos Santos Neves, então interventor do Estado, procurou os jornais do Rio de Janeiro e advogados para defender a causa do Estado, mas não encontrou na ocasião ninguém que quisesse defender o Espírito Santo. O único jornal que acolheu a causa naquela ocasião foi o de Carlos Lacerda, foi o único que escreveu

alguma coisa em favor do Espírito Santo. Os outros jornais mais poderosos da época se recusaram a defender os interesses capixabas e se posicionaram ao lado de Minas Gerais, defendendo, portanto, o interesse do mais forte e mais rico Estado. Além desse fator, em 1947, a situação em Barra de São Francisco se tornou insustentável devido às ameaças constantes dos mineiros de invadir Barra de São Francisco. Em decorrência da exaltação dos ânimos por parte de ambos os lados ano a ano, a solução pacífica se distanciava cada vez mais, um derramamento de sangue de ambos os lados parecia real e imediato. Nessa época, precisamente em 1948, o então governador capixaba, Carlos Lindenberg, foi acusado pelos mineiros de exortar o povo em praça pública a pegar em armas.

A ele se atribuem estas palavras noticiadas, na época, pelo "O jornal" de 27 de abril de 1948: 'Os direitos do Espírito Santo poderão ser pisados pela bota do mais forte, mas reagiremos até sucumbir. Se for necessário fecharemos os quartéis, as mulheres tomarão conta do policiamento da cidade e todos nós, homens válidos, iremos para a região que nos querem arrebatam. Todos os nossos esforços, todos os recursos do Tesouro do Estado serão empregados: mas não entregaremos o que é nosso' (BARBOSA, 1958, p. 24)

De acordo com Carlos Madureira, conhecedor dessa história, isso foi o suficiente para que o governador fosse associado à figura de um "homem macho", valente e destemido que se dispunha a tomar a frente de um combate para defender seu Estado. Contudo, em represália às palavras de Carlos Lindenberg, os mineiros iniciaram na região uma onda de violência narrados pelos moradores francisquense, incendiaram escolas, colocaram fogo em algumas, queimaram também cartórios capixabas. Para muitos, as violências deflagradas na região de Barra de São Francisco por parte da polícia mineira ocorreram a mando do primeiro prefeito de Mantena, Fernandinho. Isso porque na época da posse de Carlos Lindenberg no governo do Espírito Santo, Juscelino Kubistchek também assumiu o governo em Minas Gerais e, como Fernandinho era amigo íntimo de Juscelino, recebeu contingentes policiais para atendê-lo no que precisasse. Consequentemente, muitos policiais do destacamento capixaba morreram devido à diferença numérica, restando aos capixabas apenas uma alternativa: morrer lutando na região ou correr, preferiram morrer.

O passar dos anos amenizou a situação e para evitar um massacre sem precedentes os dois estados resolveram entrar em um acordo. O acordo de limites foi celebrado em 15 de setembro de 1963 na Vila do Bananal (hoje Rio Bananal, popularmente conhecido como Fronteira), com a presença dos governadores dos dois Estados:

Francisco Lacerda de Aguiar do Espírito Santo e José Magalhães Pinto de Minas Gerais. Os prefeitos na época eram, do lado de Mantena, Valdir Pereira da Silva, e de Barra de São Francisco, Joaquim Alves de Souza, além das demais autoridades locais.

Figura 8: Lacerda de Aguiar e Magalhães Pinto - Governadores do Espírito Santo e Minas Gerais, respectivamente



Fonte: Acervo Edvaldo Lima

Para muitos francisquenses, o acordo mostrado na Figura 8, não foi justo porque pela Carta Régia de 1800, a área correspondente à cidade mineira de Mantena pertencia ao Espírito Santo. Inclusive, no início do povoamento a região de Mantena era chamada de "São Francisco de Cima", e Barra de São Francisco era "São Francisco de Baixo". Esse fato prova a legitimidade do território que, mais tarde, receberia o nome de Gabriel Emílio, em homenagem a um engenheiro capixaba.

*O Espírito Santo criou dois municípios: Barra de São Francisco e Gabriel Emílio, Minas Gerais tomou Gabriel Emílio e colocou o nome de Benedito Quintino, depois, mudou o nome para Mantena, mas Minas não criou Mantena, quem criou juridicamente o município e colocou lá uma coletoria de impostos e outras coisas foi o Espírito Santo, só que não povoou, colocou algumas instituições, os mineiros chegaram em multidão, aí começaram a chegar forças policiais mineiras e tomaram tudo. Os capixabas não aceitavam na época ter perdido Gabriel Emílio. Quando um "ônibuzinho", uma espécie de perua que saía da atual Mantena para a atual Barra de São Francisco, saía com uma bandeirinha dizendo: Benedito Quintino, quando chegava em Bananal, na fronteira, dava uma paradinha, girava uma manivela e escrevia Gabriel Emílio, pra poder entrar em Barra de São Francisco. Isso porque durante muito tempo o Espírito Santo ficou reivindicando a volta de*

*Gabriel Emílio, o  
que nunca aconteceu.*

**Adilson Vliça**

Vitória-ES, 25 de maio de 2018

Segundo muitos francisquenses, o correto seria que Mantena hoje estivesse ligada à cidade de Barra de São Francisco como uma única cidade, pois perder Mantena mexeu com o orgulho de muitos francisquenses. Em entrevista realizada com o ex-prefeito de Barra de São Francisco, Edinho Pereira, ele afirmou em um tom de autoridade: "Mantena, que me perdoe, mas o terreno de Mantena era do Espírito Santo". Enquanto uns não concordam como acordo formado em 1963, para outros, a derrota em perder Mantena não abalou os moradores francisquenses. A questão era que se sentiram orgulhosos porque impediram dos mineiros de chegar ao mar, impediram também que outras regiões, como Água Doce do Norte, Café Ralo, Governador Lacerda de Aguiar, Santo Onofre, Santo Agostinho, Santa Luzia do Azul (regiões que atualmente pertencem à cidade de Água Doce do Norte, desmembrada de Barra de São Francisco em 1989) não caíssem nas mãos dos mineiros. Atualmente, a cidade de Barra de São Francisco é conhecida como "A Sentinela Capixaba", uma homenagem aos corajosos soldados que defenderam com bravura as divisas francisquenses contra a invasão mineira.

Figura 9: Bandeira de Barra de São Francisco - Sentinela Capixaba



Fonte: <http://bsfcoturismo.blogspot.com>



A bandeira de Barra de São Francisco retrata a força econômica da região, representada pela diversidade agrícola e agropecuária, a fé do povo francisquense, pela Bíblia e pela cruz, a tocha acima de um muro representa a Sentinela Capixaba, uma homenagem aos soldados capixabas que defenderam o território contra a invasão mineira.

Hino de Barra de São Francisco Letra: Manoel Lobato

Música: Edson da Silveira Guedes

Salve Barra de São Francisco! A Sentinela Capixaba!

O valor moral dessa gente. É riqueza que não se acaba!  
A cidade progride sem parar!

Vai cumprindo feliz o seu destino.... Assim seguimos, com ritmo a cantar:

Barra de São Francisco tem seu hino. Salve Barra de São Francisco!

A Sentinela Capixaba!  
O valor moral dessa gente. É riqueza que não se acaba!

Que cantemos alegres mais ainda, todos nós, seja velho, ou seja, novo.... Que todos cantem a música linda: Barra de São Francisco tem seu povo. Salve Barra de São Francisco!

A Sentinela Capixaba! O valor moral dessa gente. É riqueza que não se acaba!

Fonte: <http://www.pmbssf.es.gov.br/pagina/ler/1008/hino>

#### 4.2 CONTESTADO NA ÓTICA DE MORADORES DE MANTENA

Ao abordar a história do Contestado, há uma divisão entre a população mantense, pelo menos de acordo com os entrevistados desta pesquisa. Alguns afirmam juridicamente que aquela região estava realmente dentro das fronteiras mineiras, outros afirmam que a região era capixaba e, até hoje, alguns têm dúvida. O fato é que durante o período do Contestado a cidade de Mantena foi palco de muitas mortes, traições políticas, medo e autoritarismo por parte de grandes fazendeiros e políticos da época.

Com relação à presença dos mineiros no território onde hoje se localiza a cidade, segundo dados da prefeitura de Mantena, ela começou oficialmente por volta de 1920. Isso aconteceu graças aos padres capuchinos, entre eles, destaca-se Frei Inocêncio de Comiso. Naquela época, as terras que hoje formam o município de Mantena estavam anexadas ao Município de Itambacuri-MG, fazendo parte do Distrito chamado Lajão, posteriormente, o distrito Lajão foi desmembrado de Itambacuri e surgiu o município de Conselheiro Pena. Em 1930, o sr. Emiliano Ferreira Junior comprou grande parte dessas terras e veio ocupá-las juntamente com sua família. Dois anos depois de sua instalação nas terras, desgostou-se daqui devido à morte de sua filha e resolveu vender suas terras para Cândido Ribeiro Gonçalves, conhecido como Cândido Ilhéu. Mesmo diante disso, os capixabas se intitulavam como donos da região e isso trouxe uma série de atritos.

Para uma pequenina ideia da confusão aqui reinante, começaremos por dizer que a cidade de Mantena, que os capixabas denominam Gabriel Emílio, é considerada sede de um distrito espírito-santense com este último nome (distrito de Gabriel Emílio), compreendido do município de Barra de São Francisco, enquanto que a mesma Barra de São Francisco é considerada por Minas Gerais, de acordo com a nossa divisão administrativa-judiciária, como simples povoado do distrito mineiro de Mantena (BARBOSA, 1958, p. 12).

A disputa por Mantena entre mineiros e capixabas pode ser explicado pelas suas riquezas naturais da época, havia muita madeira e um solo fértil, e isso atraiu diversos posseiros com o objetivo de explorar a região e expandir a produção cafeeira. O plantio do café passou, então, a acirrar as disputas entre o Espírito Santo e Minas Gerais em quase toda a área contestada, pois o produto estava sendo cultivado praticamente em cada pedaço de terra disponível, caminhões abarrotados de café saíam de Mantena para quase todo o Brasil. A exploração desse produto agrícola rapidamente gerou riqueza para os grandes fazendeiros da região, tornando a cidade um grande centro comercial entre os anos de 1940 a 1960.

Figura 10: Mantena – 1939



Fonte: [www.portalmantena.com.br](http://www.portalmantena.com.br)

Como pode ser observado na Figura 10, o progresso gerado pelo café desenvolveu a região mineira, dificultando a aceitação pelos mineiros de que Mantena pudesse pertencer ao Espírito Santo, uma vez que alegavam que pertencia a eles por direito, portanto, tomaram posse da região.

No que se refere à criação do município de Mantena, ela aconteceu em 4 de janeiro de 1944, sendo que seu primeiro prefeito foi o sr. José Fernandes (o Fernandinho). Até meados de 1940, Mantena era uma pequena vila, não havia energia elétrica, as casas eram muito simples, havia muita mata, bem como uma infinidade de madeiras e terras férteis para serem exploradas, como já mencionado anteriormente, mas que foram o motivo do grande contingente populacional ter chegado à região. Esse contingente populacional já existia porque Minas Gerais nasceu por volta de 1720, quando foi desmembrada de São Paulo, e atraiu gente de todas as regiões do Brasil na corrida pelo ouro, conseqüentemente, em pouco tempo sua população já era grande. Contudo, a queda da produção aurífera produziu uma grande crise econômica, dessa época até a década de 60, e a saída foi incentivar migrações para as terras do interior do Estado, visto que Minas Gerais tinha muitas pessoas para povoar. Assim sendo, muitos se deslocaram em direção ao Espírito Santo e se tornaram moradores de Mantena. Para alguns deles, o Estado do Espírito Santo queria tomar essa região dos mineiros, uma

terra que na mentalidade de muitos mantenenses não havia uma divisa verdadeira, era de quem povoasse primeiro.

*Havia por aqui terras muito boas, havia também muitas matas, na verdade, era quase tudo mata, nem estrada tinha, eram trilhas no meio da mata, então, chegaram os primeiros colonos por volta de 1920, eu vim bem depois, as casas eram muito simples, poucas pessoas tinham casas de tijolos, a maioria era de barro, era um povo muito simples e sofrido, mas devido à riqueza das matas e do café a região enriqueceu.*

**Aniversino Ferreira**  
Mantena-MG, 1º de julho de 2018

A riqueza da região de Mantena atraiu gente de diversos lugares, em sua maioria grandes coronéis, detentores de muitas riquezas, que chegaram à região com o intuito de progredir, e utilizaram violência e da força. Vieram também bandidos à procura de trabalhos, que acabaram se tornando a lei na região, a mando desses coronéis-fazendeiros. Devido às suas riquezas, Mantena logo se tornou uma das cidades mais importantes do Estado. A cidade vizinha de Barra de São Francisco, por outro lado, estava muito distante desse avanço. Cloves Mendes, sobrinho do primeiro prefeito de Mantena, contou um pouco do progresso da cidade.

*Nos anos de 1960, Mantena era uma cidade extremamente desenvolvida e com muito progresso; naquela época nós tínhamos quatro a cinco bancos em Mantena, quatro hospitais, que atendiam toda a região. A cidade chegou a ter mais de 60 mil habitantes, chegou a ser a sexta cidade mineira em produção de café. Outra questão era a extração de madeiras devido a muitas matas, faltavam dedos pra você contar a quantidade de serralheria. A explicação para a grande quantidade de mineiros na região se deve a essas riquezas.*

**Cloves Mendes**  
Vitória-ES, 26 de maio de 2018

Cloves Mendes abordou em seu depoimento o apogeu de Mantena nos anos de 1960, a quantidade de habitantes pode ser explicada pela oferta de empregos nas lavouras cafeeiras e nas madeireiras que necessitavam de grande mão de obra. Outro fator foi o apoio do governo de Minas Gerais a um pequeno grupo dominante da cidade, que acabava tendo o total poder político da cidade e sobre a população que geralmente trabalhava e pagava impostos a esse grupo. O desenvolvimento do interior do Estado sinalizava, de certa forma, o progresso do próprio Estado de Minas. Mantena, assim, desenvolveu-se rapidamente e, logo, as casinhas de pau a pique e barro cederam lugar a casas de tijolos e construções mais sofisticadas, como retratado na Figura 11 a seguir.

Figura 11: Mantena – 1950



Fonte: Acervo Edvaldo Lima

Conforme a Figura 11, Mantena nos anos 1950 já tinha grandes construções, lojas, ônibus e muitas casas; era, de fato, uma cidade muito organizada e estruturada para a época, principalmente, por ser do interior do país. Esse progresso encontra-se explicado nas falas do ex-morador de Mantena, Cloves Mendes, bem como pode ser visualizado na Figura 12 a seguir, que reflete o progresso econômico da cidade gerado pela economia cafeeira.

Figura 12: Transporte de café - Mantena - 1950



Fonte: www.portalmantena.com.br

Para alguns moradores de Mantena, as riquezas mencionadas constituíam o principal motivo dos capixabas para tomar posse da região, poucos compreendiam na época o emaranhado conflito litigioso que os assombravam, porém, a população lembra que havia dois cartórios, dois destacamentos policiais e duas escolas em um mesmo lugar, sempre uma instituição mineira e uma capixaba, o que incomodava muitos moradores que sentiam a cidade invadida pelos capixabas. Por causa disso, a população mantense também considera o período litigioso horrível, tinha medo de que seu território fosse tomado pelas tropas capixabas. Surgiu, então, a figura de Fernandinho, o primeiro prefeito, como o herói da população do povo de Mantena, pois suas influências políticas contribuíram para o desenvolvimento econômico da cidade, visto que era amigo íntimo de Juscelino Kubistchek que, na época, era governador de Minas Gerais. Inclusive, JK esteve em Mantena nesse período, devido à amizade com Fernandinho.

*Juscelino Kubistchek veio em Mantena duas vezes, ele e meu tio eram muito amigos, meu tio é que cuidava das questões políticas do Juscelino em toda essa região, tem uma rua em Belo Horizonte como o nome de Fernandinho, que Juscelino solicitou à Câmara Municipal já na época que era presidente. Meu tio Fernandinho não era muito uma pessoa letrada, mas era muito inteligente, muito sagaz, muito político e com uma boa oratória, mas de ler, escrever e ter conhecimentos literários era muito pouco. Na época em que Juscelino era governador, foi meu tio que captou votos para ele na região, depois, meu tio foi eleito deputado. Juscelino arrumou um bom cargo para meu tio, ele foi ser representante na Câmara Exterior do Comércio do Café nos Estados Unidos, era uma espécie de embaixador.*

**Cloves Mendes**  
Vitória-ES, 26 maio de 2018

Pelas palavras de Cloves Mendes, a figura de Fernandinho era algo extraordinário para a população mantense, era o herói que promovia alguns progressos na cidade, como construções de escolas e hospitais e, ao mesmo tempo, defendia o território mineiro de uma possível retaliação capixaba.

Figura 13: Presidente Juscelino Kubistchek em Mantena - 1954



Fonte: Acervo Edivaldo Lima

A presença de um político como JK em Mantena realmente demonstra muito respeito e importância política, pois era uma cidade pequena, na época, de aproximadamente 60 mil habitantes, embora muitos afirmem que era até mais do que isso. No entanto, o prefeito Fernandinho, de certa forma, controlava a votação na região para muitos políticos da capital, como era o caso do presidente Juscelino Kubistchek, conforme mostra a fotografia dele com Fernandinho e demais autoridades políticas da cidade de Mantena, os vereadores Jarbas Boechat, José Regino e José Duque (Figura 13). Isso confirma a importância da cidade e de seu primeiro prefeito - Fernandinho. Por outro lado, o estilo autoritarista do governo municipal preocupava algumas autoridades, matava-se muito em Mantena, bandidos e jagunços de todos os tipos trabalhavam para os grandes fazendeiros. No entanto, como político, Fernandinho precisava do apoio deles, embora muitas pessoas temessem que ele fosse a faísca do barril de pólvora que faltava para provocar um banho de sangue entre os dois Estados.

Fernandinho foi prefeito e deputado estadual, mas enquanto estava em Mantena foi um grande comprador de café e se inquietava com a questão dos postos coletores do Espírito Santo. Para muitos mineiros, o Espírito Santo queria todo o lucro da produção de café na zona litigiosa, o que fazia a população pagar dois impostos. Essa questão chegou a ser noticiada na revista carioca *O Cruzeiro* (1957, p. 01):

Dezesseis postos de fiscalização, instalados pelos capixabas no município de Mantena, constituem o principal motivo do desentendimento, visto que, neste período da safra do café, volta a estremecer as relações políticas e administrativas do Espírito Santo e Minas Gerais. E o estopim é o seguinte: as transações comerciais da cidade mineira de Mantena para a localidade de Água Doce do Norte se fazia através de uma estrada que passa pelo Distrito de Café Ralo, onde os dois Estados mantêm jurisdição, uns tempos a esta parte, o Espírito Santo montou em Café Ralo um posto de cobranças de impostos. Resultado: o intercâmbio entre os centros produtores de café, dentro do território considerado dois lados, ficou onerado em benefício do Tesouro capixaba. Surgiram as reclamações dos cafeicultores da região, o que levou o Governador Bias Fortes (Minas) a determinar a abertura de uma nova estrada entre Mantena e Água Doce uma variante de pouco mais de 600 metros a fim de possibilitar o trânsito de caminhões, longe do alcance das autoridades capixabas instaladas em Café Ralo.

A questão litigiosa era muito ampla e envolveu diversas questões, mas para resolver o problema do duplo pagamento de impostos para os Estados, o Governador Bias Fortes construiu uma nova estrada que dificultava a passagem pelo posto de coleta do Espírito Santo. Foi, assim, considerado um herói para o povo de Mantena e os demais mineiros da região, mas se tornou inimigo dos capixabas. A problemática das cobranças de impostos continuou até por volta de 1960. Com o passar do tempo, as pessoas puderam escolher a qual Estado direcionar o pagamento dos impostos ou vender seus produtos.

Outro problema enfrentado na época refere-se às atrocidades cometidas por policiais capixabas, que também foram relatadas pelos moradores que viam o Espírito Santo como intruso. Em uma entrevista, o senhor Aniversino contou que: "Por volta de 1944, um cidadão foi espancado só por dizer que Mantena era Mantena e não Gabriel Emílio, como dizia os capixabas". Aniversino, que foi policial nesse período explicou que essa violência foi aproximadamente até 1950, depois, foi se acalmando. No entanto, antes as coisas eram realmente resolvidas na violência, agressões verbais e manifestações.

*Havia duas escolas uma mineira e uma capixaba, na época do sete de setembro cada professora queria fazer um desfile mais bonito que o outro, era uma confusão medonha, a disputa era até pra ver quem tirava aluno da escola da outra. Havia os postos coletores, quem passava em um posto capixaba e pagasse imposto ao passar no nosso tinha que pagar outra vez. Todo mundo queria mandar.*

**Aniversino Ferreira**  
Mantena-MG, 1º de julho de 2018

Pelas falas de Aniversino, os anseios do povo mantense de resolver a questão litigiosa significava que as áreas contestadas deveriam pertencer definitivamente a eles. Além das ricas regiões, um dos desejos dos mineiros era ter um porto de mar e o



caminho escolhido seria o Espírito Santo. Como Mantena era muito próspera e levar esses produtos até a cidade de São Mateus para embarcar seria fundamental para as autoridades locais e o próprio governo do Estado, sendo essa a versão que alguns defendem. Contudo, para a população mantenense, as situações não deveriam ser resolvidas com uma invasão, e sim com acordos políticos, dentro da lei. Ocorre que essa versão dos mineiros contradiz a dos capixabas e até mesmo alguns moradores de Mantena pensam o contrário, ou seja, o governo de Minas Gerais desejava sim um porto de mar e tomaria as regiões capixabas para tal finalidade. Corroborou esse fato a entrevista dada por Anilda Gomes, ex-secretária da cultura de Mantena, que afirmou: *"Minas queria sim ter um porto de mar, digo isso porque sou mineira"*. Embora muitos mantenenses não se lembrem ou não sabem como surgiu essa demanda pelo mar, isso ocorreu logo após Juscelino Kubistchek tornar-se presidente. Ele convocou no Palácio do Catete os governadores de Minas Gerais Bias Fortes e Lacerda de Aguiar do Espírito Santo na tentativa de solucionar os conflitos litigiosos e, embora tenha havido muitos apertos de mãos e sorrisos, nada foi resolvido. Nesse encontro, então, surgiu a grande idéia de dividir a Zona Contestada, na qual Minas Gerais teria um porto de mar.

Logo após esse encontro, uma versão surgida não se sabe de onde, tomou corpo e saiu nos cabeçalhos dos jornais: a razão seria cortada pelo meio, dando-se a cada um dos Estados litigantes metade da zona contestada, por uma linha divisória quanto possível acomodada aos acidentes naturais, ou optar-se-ia pela compensação, cedendo o Espírito Santo, ao norte, uma faixa para um porto de mar a Minas, faixa que começaria nas cabeceiras do Itaúnas, até a localidade do litoral. Ficaria, assim, Minas Gerais devidamente compensada, realizando uma velha aspiração que já o ilustre parlamentar ministro Teófilo Otoni (o moço), definia, em discurso na Assembléia Republicana Mineira (1895--1986), com a frase lapidar: 'O mar soluça e geme por estar longe de Minas' (O CRUEIRO, 1957, p. 12).

Essa questão de chegar ao mar foi o momento mais preocupante da população mineira, devido à possibilidade de uma retaliação por parte do Espírito Santo, uma vez que os acordos diplomáticos para essa finalidade falharam, pois, o Espírito Santo não cederia uma faixa litorânea para os mineiros. Na época, o Estado de São Paulo enviou tropas para o Espírito Santo para dar apoio aos capixabas, mas não foi necessário o uso de forças. Como a tentativa de passar por Barra de São Francisco não deu certo, o desejo por um porto de mar foi relegado a segundo plano e o foco direcionado para a tomada de posse das regiões litigiosas pouco povoadas pelo Espírito Santo até então, isto é, as regiões entre Barra de São Francisco e Mantena. O encerramento do conflito

ocorreu quando houve um acordo de cavalheiros em Rio Bananal em 1963. No entanto, para muitos mantenseses, seria muito melhor se Mantena pertencesse à Barra de São Francisco, já que ambas estão separadas por aproximadamente treze quilômetros, e os tempos mudaram. Isso porque Mantena estagnou-se no tempo e Barra de São Francisco evoluiu e, para muitos, ela se tornaria uma cidade mais forte.

O período do Contestado também faz a população de Mantena lembrar-se de uma época de incertezas e medo, ou seja, acidade por si só com seus problemas latifundiários e políticos entre grandes fazendeiros já matava muito por pouco motivo ou motivo algum. Assim, caso entrasse de fato em uma guerra com a cidade vizinha de Barra de São Francisco, ninguém gostaria de imaginar os rumos que as coisas poderiam ter tomado isso fez com muitos abandonassem a cidade e nunca mais voltassem, com medo do coronelismo e dos conflitos do Contestado.

#### 4.3 CONFLITOS RELIGIOSOS NA ÉPOCA DO CONTESTADO

O período do Contestado nas regiões de Barra de São Francisco e Mantena traz vários questionamentos, conflitos litigiosos, entre as polícias mineiras e capixabas e atritos entre a população. Além dos problemas políticos, no campo da religiosidade também ocorreram alguns embates entre alguns padres que passaram por aquela região. Entre tantos, destacar destacam-se o Padre Zacarias, do Espírito Santo, e Frei Inocência, de Minas Gerais.

De acordo com relatos dos moradores, na época, praticamente só havia o catolicismo, o protestantismo era bem tímido em relação à atualidade. A função desses padres não era simplesmente celebrar missas, mas também ser conselheiros do povo e dos políticos, eles eram autoridades muito respeitadas e também autoritárias. Geralmente, vinham de longe e andavam sempre a cavalos por entre trilhas das matas selvagens da região, pois somente a partir da década de 1960 que o jipe se tornou meio de transporte, visto que era o único veículo capaz de romper as precárias estradas abertas aos poucos, praticamente à mão. A rotina deles era uma visita à região, geralmente, uma vez por mês. E durante uma semana permaneciam na região celebrando missas em capelas ou em área aberta e visitando alguns doentes, frequentemente, na casa de uma pessoa importante. Nesse dia eles faziam tudo o que podiam, celebravam a

missa, confessavam, realizavam casamentos e batismos, porque não era possível prever quando voltariam.

Durante as questões litigiosas, a influência política exercida por esses padres foi imensa, sendo que os dois religiosos mais importantes desse período foram Padre Zacarias e Frei Inocêncio. Os dois, inclusive, tiveram atritos entre eles devido às questões política da época e por um pertencer a Minas Gerais e o outro ao Espírito Santo, bem como enfrentaram problemas com autoridades policiais e grandes fazendeiros com interesses nas áreas litigiosas. Segundo registros históricos, em 30/07/1930, Frei Inocêncio chegou à Mantena como intuito de evangelizar. Contudo, no início do Contestado, por volta de 1935, a região de Mantena estava sob duas jurisdições eclesiásticas, a de Vitória-ES, e a de Araçuí-MG, e o problema político acabou afetando a religião, pois, muitas vezes, os padres defendiam os interesses de seus respectivos Estados. Isso gerou, de certo modo, um "litígio eclesiástico", porque os padres capixabas não estavam satisfeitos com os padres mineiros nas áreas contestadas pelo Estado do Espírito Santo, nem os padres mineiros queriam os padres capixabas nas respectivas áreas contestadas por Minas Gerais.

Somado a isso, o imenso medo causado por esse problema fazia com que, para se protegerem e andarem pelas regiões litigiosas, tanto os padres mineiros quanto os capixabas iam armados ou escoltados por soldados durante suas viagens. Eram percursos longos, dentro das matas e feitos, muitas vezes, durante a noite, portanto, além da fé, precisavam também se proteger com outras forças.

Segundo a história, após quase trinta anos na região, o saudoso Frei Inocêncio foi ameaçado de fuzilamento por policiais capixabas, exacerbados, do povoado de Santa Angélica. O motivo seria a insistência dele em celebrar uma missa onde somente o padre Zacarias, do Bispado de Vitória, poderia exercer o sacerdócio livremente, de acordo com os policiais. No entanto, houve casos em que o confronto ocorria entre eles.

A paixão costumava ir além envolvendo os próprios padres. Temos o exemplo no episódio muito conhecido do padre Zacarias - sacerdote capixaba-impedido, certa vez, por volta de 1944, pelo seu colega mineiro, padre Mateus, de celebrar missa na única Igreja católica então existente em Mantena. Chegaram a discutir com aspereza, e, no calor da discussão, o padre Mateus,

intemperante, deixou escapar frases como esta: "Vá celebrar missa no inferno, aqui não!" (BARBOSA, 1958, p.15)

O interessante em tudo isso é que os padres que chegavam à região contestada entre Mantena e Barra de São Francisco não eram de fato nem mineiros e nem capixabas, a maioria nem sequer era brasileira. Frei Inocêncio era italiano, padre Zacarias era cearense, e padre Mateus era holandês, assim como muitos outros. Naquela época, não havia muitos seminários nas regiões próximas ao litígio para a formação eclesiástica, e os poucos que funcionavam tinham poucos padres disponíveis, portanto, os padres de outras regiões ou outros países desempenharam um papel importante na história de Mantena e Barra de São Francisco. Frei Inocêncio, apesar do radicalismo, foi um dos pilares para a construção da cidade de Mantena e outras cidades mineiras, era um homem muito destemido e uma pessoa muito simples. Segundo contam, ele saía de Teófilo Otoni montado em uma mula e vinha visitando todas as casas até chegar à Mantena, enfrentava um perigo enorme, pois não havia estradas, apenas trilhas nas matas fechadas da região. Quando ele chegava em alguma casa, era recebido pelo dono, ali dormia e, no outro dia, entrava na mata, procurava as pessoas que moravam por perto, reunia todos em um só lugar e celebrava missa, casamento, batizado, bem como dava conselhos. Isso foi o núcleo e a semente de muito desses lugares, incluindo Mantena.

Para o morador francisquense Allen Boechat, esses padres eram conhecidos na época como "*vigário das matas*" porque eles não tinham paróquias, viviam viajando e visitando os vilarejos na época em que toda a região contestada era praticamente composta de matas fechadas. Frei Inocêncio foi muito importante para Mantena, ele era pertencente à ordem dos Capuchinhos e se tornou uma autoridade mineira, responsável por um trabalho religioso, político e social da população mantense. Frei Inocêncio era uma pessoa muito respeitada e desprezada de tudo, entrava em qualquer casa e conversava com qualquer um e de qualquer nível de escolaridade.

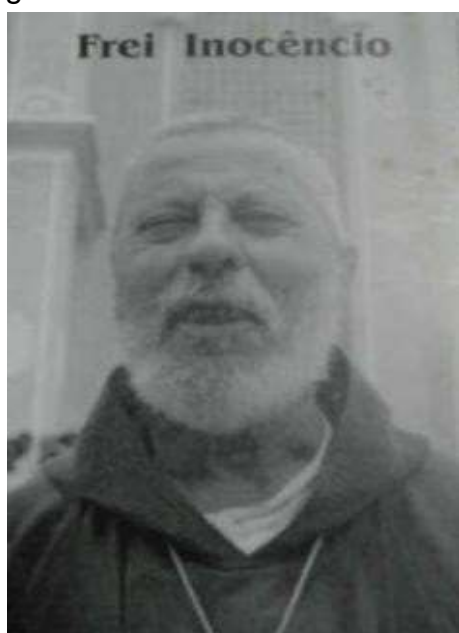
*Ele era muito baixinho, franzino, mas era uma pessoa doce, estava presente em todas as solenidades de Mantena, ele era a Igreja oficializada e institucionalizada dentro do Contestado, ele tinha lado, e o lado dele era mineiro, eu convivi com Frei Inocêncio, sempre ia a missa com a família, quando eu ia na casa do meu tio ou do meu bisavô, lá ele estava também, às vezes, era uma figura pra mim. Eu ainda vejo ele direitinho, com aquela roupa de Capuchinhos e o cinto amarrado, sandálias franciscanas e bem baixinho.*

**Cloves Mendes**

Vitória-ES ,26 de maio de 2018

Contudo, moradores questionavam o excesso de autoridade de Frei Inocêncio em relação a questões políticas, gerando incômodo em muitos fazendeiros e autoridades governamentais na zona contestada. Isso porque a visão dele era de uma igreja conservadora, doutrinava uma catequese rígida. E, além das questões litigiosas, muitos consideravam essa postura a causa da discórdia entre ele e outros padres que pensavam e seguiam caminhos opostos.

Figura 14: Frei Inocêncio de Comiso



Fonte: <http://comisani.altervista.org>

Para os mineiros, Frei Inocêncio era um pilar religioso e político na época do Contestado, porém, para os capixabas, esse líder era outro, o saudoso Padre Zacarias. Padre Elauro Zacarias de Oliveira veio de Nova Venécia para Barra de São Francisco por volta do ano de 1936. Sacerdote incansável, trabalhou em prol do desenvolvimento do lugar auxiliando na resolução de conflitos que afligiam os moradores de Barra de São Francisco e região, fundou vilas e igrejas e defendeu o Estado do Espírito Santo em questões litigiosas. Naquela época, havia na região grandes contingentes militares atuando na zona contestada. Desse modo, padre Zacarias acabou sendo nomeado capelão da polícia militar do Estado do Espírito Santo, permanecendo por 25 anos na região, período em que percorreu toda a zona contestada animando os capixabas para ficarem firmes em suas posições, prestando, assim, serviço ao Estado. Era um homem muito resistente, foi um dos maiores desbravadores do Norte do Espírito Santo, comum

a atividade sacerdotal passada dentro das matas infestadas de bichos e bandidos. Além de padre, foi também conselheiro político e, devido à falta de médicos na região, fez esse papel receitando chás, emplastos e oferecendo outros produtos desconhecidos das pessoas, mas que ele carregava consigo. As viagens eram realizadas em lombo de burro, e a permanência em um povoado durava, no máximo, dois dias, no qual celebrava missa, realizava batizados, e cuidava de outros assuntos religiosos, além de questões políticas. Foi um homem corajoso em uma época de incertezas como relata o francisquense Edvaldo Lima:

*Eram lugares pavorosos. Passava em matas que só se ouviam os cânticos dos pássaros, as revoadas de araras, o uivar dos animais, parecia a Floresta Amazônica. Nas viagens pelo meio dessas matas, muitas, vezes, passava por tocaias. Mas estavam esperando outro.... Passava tranquilamente. Assassinos e ladrões tinham muito respeito por ele. Às vezes, pelo caminho, saía um da tocaia e dizia para o padre: "Olha, padre, não se assuste, não, porque eu gosto muito dos padres. Eu estou aqui porque cometi um crime lá em Baixo Guandú, estou aqui escondido, deixei a barba crescer" etc. Ele dava uns conselhos e passava pela tocaia, que estava esperando sua vítima... E, assim, os crimes se avolumavam. Nunca teve medo, porque aprendeu que tudo é feito por Deus, até uma folhinha que cai tem sua permissão. Dizia sempre que estava numa missão tão nobre, pregando por aqui o evangelho, que não havia porque morrer. Levava sua palavra a toda parte, com um sacrifício que só ele era testemunha.*

**Edvaldo Lima**

Vila Velha-ES, 10 de agosto de 2018

Além disso, até a fundação da comarca de Barra de São Francisco, o padre Zacarias era praticamente tudo, juiz, advogado, médico e também padre. Ele deu posse ao primeiro Prefeito, um Major do Exército chamado Manoel Vilá, em meados de 1944. No entanto, Barra do São Francisco somente tomou feição de cidade em 1954, quando os políticos começaram a construir quartéis e fortificar a região, resultando no desaparecimento das matas devido à instalação de grandes madeireiras na região. O povo, entusiasmado, começou a construir suas casas, surgiram mais estradas com o transcorrer do tempo, facilitando, assim, as viagens de Padre Zacarias. Padre Zacarias foi também professor, um dos primeiros da região de Barra de São Francisco, ensinava a ler escrever, bem como noções básicas de higiene para uma população carente de quase tudo.

*Padre Zacarias era meu padrinho, é uma das lembranças mais linda que eu tenho. Um belo dia, ele se cansou e resolveu casar, largou tudo e arrumou uma mulher. Ele fez isso lá na década de 50 em Barra de São Francisco, e olha que, naquela época, alguém fazer isso era algo inaceitável, e ele fez, mas não deixou de ser respeitado, muito pelo contrário, virou o melhor professor do Ginásio Independência; era professor de latim, português e*

*francês. Ele dava aula pra gente de higiene na escola, como escovar os dentes e como tomar banho. Padre Zacarias foi um dos ícones mais importantes daquele período.*

**Claudino de Jesus**

Vila Velha-ES, 27 de maio de 2018

Por ser capelão da polícia militar, padre Zacarias andava armado. Havia muitas emboscadas nas matas por onde ele deveria passar, bandidos de todos os lugares vinham para a região do Contestado para ganhar proteção da polícia mineira ou capixaba, então, andar armado era um hábito comum. Contudo, mesmo após deixar de ser capelão, permaneceu com a arma ao lado e, enquanto foi padre, também não dispensava um bom revólver. Adilson Vilaça explicou bem essa situação:

*Para se ter uma ideia, na época do Contestado havia também padres dos dois Estados, eles brigavam entre si, da mesma Igreja e brigavam. O padre Zacarias de Oliveira mandou fuzilar Frei Inocêncio de Comiso porque ele celebrou um casamento no distrito de Santa Angélica, uma área disputada pelos dois Estados, foi uma confusão, por pouco, Frei Inocêncio escapou. Padre Zacarias andava com um crucifixo do lado esquerdo e um revólver do lado direito.*

**Adilson Vilaça**

Vitória-ES, 25 de maio de 2018

Nesse contexto, a igreja e o estado confundiram seus papéis por muitos anos, mesmo quando o Estado se assumia laico. De acordo com o relato anterior, a convicção religiosa ficava em segundo plano.

Figura 15: Padre Elauro Zacarias de Oliveira



Fonte: Acervo Barra de São Francisco Antiga

Essas situações refletem a complexidade e a instabilidade do período do Contestado que, além de ter sido uma disputa política, foi também palco de conflitos entre alguns líderes religiosos da época, apesar dos atritos entre eles, esses padres foram de certa forma responsáveis pela formação de Barra de São Francisco, Mantena e Região. Suas influências políticas foram importantes para tomadas de decisões referentes ao desenvolvimento da região como, por exemplo, a construção de escolas e postos de saúde. Com o tempo, a construção de novas igrejas resultou em uma população mais fervorosa, pois as festas e tradições religiosas foram marcos importantes para a construção de uma identidade cultural.

#### 4.4 UNIÃO DE JEOVAH: SURGE UM NOVO ESTADO

Desde 1937, Minas Gerais e Espírito Santo tinham os ânimos acirrados pela disputa de um território contestado que começava na Serra dos Aimorés e abrangeu uma área de aproximadamente 10.137Km<sup>2</sup>. O conflito somente terminou com o acordo de paz selado em 1963, após muitos encontros e reuniões entre políticos de ambos os Estados. Contudo, antes de 1963, os dois estados, mesmo com suas intrigas litigiosas, deram uma trégua e se uniram para combater um problema maior, o Estado União de Jeovah, um Estado delimitado em áreas que correspondiam aos Estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia.

Esse Estado foi invenção de um baiano chamado Udelino Alves de Matos, que chegou à região da cabeceira de Santa Rita para ser professor. Isso ocorreu porque um fazendeiro local de José Pereira Ramos construiu uma escolinha e solicitou professor aos dois estados, porém nenhum deles enviou professor para atendê-lo, pois era muito difícil haver professor naquela época. A resolução de foi contratar professor por conta própria e divulgar em vários lugares, inclusive em sua terra natal, Alagoinhas, na Bahia. Após essa divulgação, um rapaz que havia estudado um tempo no seminário a contragosto de seus pais tornou-se professor na região contestada, no atual município de Ecoporanga. Udelino era muito religioso e ficou sabendo que a região de Ecoporanga recebia muitos posseiros em buscas de terras férteis para trabalhar, porém, uma coisa que Minas Gerais fazia e que o Espírito Santo não podia fazer, era mandar pessoas para as regiões que ambos disputavam. Como a vida dessas pessoas era muito sofrida, o governo de Minas incentivava a migração, mas cada um era



responsável por si mesmo. Portanto, era um povo sem perspectiva nenhuma de alguma melhora, buscava apenas sobreviver. Diante dessa situação, Udelino começou a dar assistência aos posseiros que vinham de tantas regiões, uma espécie de assistência religiosa.

*Aos sábados à tarde, ele saía da escolinha e se movia para os locais das posses, ele dava consolo a essas famílias, fazia pregação, muito baseado no livro de Êxodos da Bíblia e falava da questão de se fazer o paraíso na terra. Aos poucos, esses posseiros passaram a ter uma admiração por ele muito grande. Udelino era muito inteligente e, de certa forma, ele começou ali um movimento messiânico pregando a união de todos, dizia que era o pobre que tinha que amparar o pobre. Udelino passa a ser um líder, primeiro religioso, depois, político que passou a reivindicar algo a mais*

**Adilson Vilaça**

Vitória-ES, 25 de maio de 2018

No entanto, aos poucos Udelino transformou aquelas visitas em um movimento e teve a idéia de constituir uma comunidade. Posteriormente, avançou para constituir um Estado onde hoje se encontra a cidade de Ecoporanga, região que fazia parte do Contestado entre Minas Gerais e Espírito Santo, assim como Barra de São Francisco e Mantena. Como apoio dos posseiros, jagunços e pistoleiros que vinham de todos os lugares, Udelino ganhou força política e criou seu próprio Estado, de nome União de Jeovah, no qual todos seriam unidos e trabalhariam juntos para manter o novo Estado.

*Com o tempo, Udelino passou a organizar uma milícia, de registro feito pela polícia militar em um relatório do major Djalma Borges de Oliveira, disse que ele chegou a ter oitocentos e sessenta e seis homens de fuzil ou carabina a cavalo. Com isso, na década de 1950, ele, então, começou a colocar a ordem em seu Estado. Ele foi até o Rio de Janeiro para tentar apoio do governo Getúlio Vargas, mas não há registro de que ele se encontrou com o presidente, mas existe registro de que ele se encontrou com o Ministro da Agricultura na época. Ele voltou de sua viagem ao Rio de Janeiro se dizendo ser delegado de terra da União, traz um papel do Rio de Janeiro que lhe dava essa autorização para fazer a Reforma Agrária, não há provas se, de fato, o governo lhe concedeu tal grandeza, mas a quantidade de fuzis que ele trouxe do Rio de Janeiro deixa claro que alguém lhe deu apoio.*

**Adilson Vilaça**

Vitória-ES, 25 de maio de 2018

A criatividade e a perseverança no apoio de Getúlio Vargas como Udelino pregava deu força e estabilidade ao seu recém governo, pois o Estado seria um paraíso terreno, no qual todos teriam terras para cultivar. Assim, em junho de 1952, ele nomeou seu governo, escolheu Cotaxé para ser a capital do Estado União de Jeovah e ele fez suas nomeações do secretariado do governo.

*O Estado passou a ter uma bandeira, a ter um hino feito pelo poeta José das Virgens, que era um poeta popular da região, o hino era lindo por sinal: "Meus colegas lavradores companheiros de jornada, plantamos frutos, plantamos flores, não somos donos de nada, muitas noites, muitos dias, ficamos com as mãos vazias, vergando ao cabo da enxada". Tinha também a sede do governo, chamava casa de tábua, todo o secretariado e juiz, mais de 54 povoados na época aderiram ao Estado União de Jeovah.*

**Adilson Vilaça**

Vitória-ES, 25 de maio de 2018

No entanto, o crescimento desse Estado em tão pouco tempo gerou sérios problemas. Do lado de Minas Gerais, partes do território de Carlos Chagas, Nanuque e Teófilo Otoni passaram a ser regiões que pertenciam ao Estado União de Jeovah; do lado capixaba a região de Ecoporanga, Montanha, Mucurici e Pinheiros. O plano era consolidar um território avançando para o mar pela região da Bahia que divisa com o Espírito Santo.

Essa situação, contudo, fez com que Minas Gerais e Espírito Santo, que brigavam há décadas, percebessem que ambos saíram perdendo caso isso persistisse. Assim sendo, as disputas litigiosas entre Espírito Santo e Minas Gerais tiveram uma trégua para expulsar os "jovens", derrubar Udelino e organizar as fronteiras do Contestado. Em 1953, as duas polícias se uniram para sumir com Udelino e, de uma alguma forma, conseguiu porque o Estado União de Jeovah nasceu e morreu sem entrar no mapa do Brasil. Quanto a Udelino, ele desapareceu e seu paradeiro é cheio de controvérsias. O ano do encerramento do Estado União de Jeovah foi também o ano em que o governador de Minas na época, Juscelino Kubistchek, e o governador do Espírito Santo, Jones dos Santos Neves, assinaram o primeiro acordo provisório, em 15 de setembro de 1953. Nesse acordo, os dois Estados combinaram de, após transcorrer dez anos, ratificá-lo ou não. Desse modo, de fato, em 15 de setembro de 1963 selou-se o acordo de paz. E, a partir do ano de 1953, praticamente quase todos os conflitos do Contestado acabaram, exceto em Barra de São Francisco e Mantena que, até 1960, ainda tinham atritos. De certa forma, a união das polícias para parar a ameaça de Udelino resultou em certa tolerância entre as forças policiais de ambos os Estados, pois cada um passou a exercer sua autoridade, obtendo o respeito do outro. A questão é que Udelino e seu Estado União de Jeovah foi uma das motivações que uniu Minas Gerais e Espírito Santo para pararem de brigar, acelerando, assim, o fim do Contestado.

#### 4.5 O CONTESTADO E A IDENTIDADE CULTURAL DOS MORADORES DE BARRA DE SÃO FRANCISCO E MANTENA

A cultura de um povo é construída e constituída por diversos aspectos, representada em seus símbolos e normas que vão se incorporando ao seu cotidiano com o passar do tempo, ela é parte do que nós somos. É nossa própria identidade. É impossível uma sociedade que não tenha em seu meio suas identidades culturais. A cultura de um povo pode se transformar e sofrer alterações conforme a história vai sendo construída por ele. Pode-se, assim, dizer que a cultura do povo brasileiro atualmente não é a mesma da época do período colonial, as roupas, a comida, os hábitos e os costumes foram mudando como mudam as pessoas. Mas, até mesmo uma cultura tão antiga pode ainda permanecer presente, embora em partes do dia a dia, pois, a cultura é aquilo que nos identifica, "as identidades são produzidas em momentos particulares no tempo" (HAAL, 2014, p. 39), e muitas dessas identidades caminham com a sociedade, mesmo com as transformações sociais recorrentes.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não inato, existente na consciência no momento do nascimento [...] em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (HALL, 2006, p.38-39).

A história do Contestado como memória do povo capixaba e mineiro, especialmente, entre os moradores de Barra de São Francisco e Mantena interferiu de certa forma na cultura da região, visto que o conflito na zona litigiosa transformou na época o comportamento das pessoas que se viram divididas entre os dois Estados que disputavam a região. Porém, hoje, esse fato causa estranheza porque é difícil para muitos acreditarem que em uma mesma cidade era preciso prestar obediência a duas jurisdições. Um exemplo é que, enquanto alguém registrava o filho em um cartório mineiro, o vizinho fazia o mesmo em um cartório capixaba. Assim, na época, cresceu a rivalidade entre uma população que procurava defender o próprio Estado, ao mesmo tempo em que via o do outro como inimigo. Muitas moças capixabas foram proibidas de se casar com rapazes mineiros e vice-versa. E também, as escolas mineiras e capixabas buscavam também ensinar aos alunos seus pontos de vista sobre aquela questão jurisdicional mal resolvida.

Além dos problemas sociais entre a população mineira e capixaba de Barra de São

Francisco e Mantena, havia pessoas vindo de todos os lugares para a região contestada em busca de trabalho, tanto posseiros incentivados por Minas Gerais quanto o Espírito Santo vieram para povoar a região. Vieram também forasteiros e bandidos para trabalhar como matadores profissionais para os grandes fazendeiros. Nesse sentido, a transformação de uma sociedade constrói a identidade de um povo, uma vez que o que nos identifica é aquilo que somos e fazemos, portanto, "todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico"(HALL,2006, p.71), "elas representam vínculos alugares, eventos e histórias particulares"(HALL,2006, p. 76). Assim, o Contestado, devido a tudo o que ocorreu, marcou a população capixaba e mineira, forjando uma identidade impregnada de sentimento de rivalidade e antagonismo.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual eles continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, no entanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual tornamos. [...], as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2014, p.109).

Uma sociedade, por mais que pareça frágil, carrega consigo uma solidez e uma força única, isso está ligado a sua identidade, aquilo que é específico de um povo em seus mais distintos aspectos culturais. Nessa perspectiva, é possível analisar essas considerações de uma maneira mais profunda, visto que as palavras de Hall permitem compreender que não existe povo sem uma identidade cultural. Todavia, por outro lado, a perda dessa identidade pode legar o passado histórico ao esquecimento. Assim, "ter uma identidade parece ser uma das necessidades humanas mais universais" (BAUMAN, 2012, p. 29), ela é a nossa base e, portanto, depende das pessoas construí-la plenamente. Ao relacionar tudo isso ao Contestado, pode-se dizer que todo aquele momento político e cultural encontra-se no passado e está se perdendo no tempo, porém, cabe a cada um resgatar essa identidade da população mineira e capixaba, juntamente com todo contexto histórico.

As pessoas são agentes de uma sociedade, individual ou coletivamente, elas constroem sua identidade. E essa construção acontece por meio da história, na qual ficam registradas as ações do povo ao longo do tempo. Nesse sentido, sobra história para a população francisquense e mantense, visto que o Contestado é um dos processos históricos mais importantes da região e do qual praticamente todo o povo

do norte do Estado participou, principalmente, as cidades de Barra de São Francisco e Mantena, focos do conflito na época. Assim, rivalidades políticas e medo acabaram por alterar o comportamento daqueles que participaram do Contestado, a identidade se construiu por meio desses processos. De acordo com Bauman (2012, p.41):

A identificação é construída com base no reconhecimento de alguma origem comum ou de características compartilhadas com outra pessoa ou grupo, ou com um ideal, e com o estreitamento natural da solidariedade e da fidelidade estabelecidas sobre esse alicerce [...]. As identidades nunca são unificadas, e, na era da modernidade tardia, são cada vez mais fragmentadas e fraturadas; nunca singulares, mas múltiplas, construídas sobre discursos, práticas e posições diferentes, muitas vezes cruzadas e antagônicas.

Por meio dessas identidades, constrói-se a cultura que, de certa forma, é o maior legado de um povo, como Bauman explica, isto é, muitas vezes a identidade se forma até mesmo de forma antagônica, visto que um povo obviamente tem suas divergências. A colocação do autor é interessante porque a identidade cultural do Contestado foi assim construída, mineiros e capixabas acabaram divergindo entre si pela defesa da honra e da moral de seus respectivos Estados. Isso ainda se reflete até hoje, pois alguns moradores entrevistados das cidades de Mantena e Barra de São Francisco que viveram parte dessa história ainda transparecem essa rivalidade. No entanto, as divergências, às vezes, não existem apenas entre cidadãos dos dois Estados, ocorrem também entre os próprios mineiros ou os capixabas, pessoas com visões e argumentos diferentes sobre o passado histórico de sua cidade e de seu Estado. Bauman nos alerta sobre isso ao dizer que as identidades são muitas vezes fragmentadas, pois as pessoas pensam de forma diversa e suas contribuições são variáveis. Assim, "as culturas tornam-se interdependentes, penetram-se, nenhuma é um "mundo por direito próprio", cada uma delas tem status híbrido e heterogêneo, nenhuma é monolítica e todas são intrinsecamente diversificadas" (BAUMAN, 2012, 47).

Nesse contexto, o passado histórico de Barra de São Francisco e Mantena, no que se refere ao Contestado, é, de certa forma, uma marca na identidade do povo da região, pois nos tornamos aquilo que foi moldado por um passado identitário. Assim, esse período histórico interferiu e contribuiu para a formação da identidade, tanto dos mineiros quanto dos capixabas. Atualmente, ainda é possível perceber a marca deixada pelo Contestado, principalmente, entre as cidades de Barra de São Francisco e Mantena, que foram as cidades mais tensas na época, sendo fundamental resgatar essa identidade e registrar a história do conflito como meio de preservá-la para as

gerações futuras.

#### **4.5.1 Importância do Contestado em Sala de Aula**

A história do Contestado entre Minas Gerais e Espírito Santo é importante; como já mencionado em capítulos anteriores, há diversos artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre o assunto, além de alguns livros utilizados como referência. A UFES, inclusive, organiza todo ano em Cotaxé, distrito do município de Ecoporanga, um evento denominado "Nas Trilhas de Udelino". Esse evento busca resgatar a história vivida pelo baiano Udelino de Matos que conseguiu, por pouco tempo, criar um Estado na região de Ecoporanga, o "União de Jeová", ao agregar parte da Bahia e da zona Contestada entre o Espírito Santo e Minas Gerais. Apesar de ser realizado em três dias com palestras e oficinas, é muito limitado, pois a história é trabalhada de forma restrita, principalmente, no que se refere à história das cidades de Barra de São Francisco e Mantena.

Pela importância histórica do Contestado, há uma grande necessidade de capacitação dos professores para aprender melhor sobre o assunto, inclusive, o próprio currículo deveria abranger de forma explícita o tema, uma vez que, até o momento, essa parte da história capixaba não consta do conteúdo escolar. Abordar o Contestado em sala de aula nas escolas francisquenses e mantenenses é significativo e relevante, refere-se a uma história que impactou a região em questões políticas, econômicas e culturais. Embora não seja um período que possa envergonhar alguns, pois se trata de questões conflituosas, é preciso lembrar que a história não é feita apenas da bondade humana, muito pelo contrário, há episódios, fatos e épocas marcadas pela tristeza, que retratam a crueldade e a ganância humana, e são ensinados em qualquer escola do Brasil como, por exemplo, a Primeira Guerra Mundial, o Nazismo e a Segunda Guerra Mundial. São temas impactantes que moldaram a história da humanidade. Contudo, a história tem a responsabilidade, entre seus diversos objetivos, de mostrar o passado para que seja possível compreender o presente e evitar cometer os mesmos erros.

Nessa perspectiva, como o Contestado deixou marcas relevantes na história da região e dos dois Estados envolvidos, mortes, discórdias, atritos etc., é fundamental estudar o assunto para preservar a memória. Os alunos de nossas escolas precisam estudar e

conhecer esse período, de forma a compreender como a região foi importante economicamente, se tornou palco de disputas políticas e, também, religiosa. Porém, como há pouco registro histórico desse conflito, é preciso buscar informações com aqueles que vivenciaram aquele período e ainda estão vivos. Caso o assunto não seja abordado nas escolas sobre o assunto, corre-se o risco de perder parte da identidade do povo do Estado do Espírito Santo. Atualmente, alunos do terceiro ano do Ensino Médio sabem a respeito do Contestado, mas eles se tornarão, um dia, uma pessoa da região que, provavelmente, nada conhece sobre seus antepassados. Ao ensinar sobre o Contestado em sala de aula, esses alunos terão um conhecimento mais sólido sobre a própria história e vão preservar, assim, a memória do Contestado para a posteridade.

*A história dessa zona de litígio do Contestado, principalmente, de Mantena e Barra de São Francisco é uma história que ficou adormecida, isso não se ensina na escola nem nas de Minas nem nas do Espírito Santo, também na História Geral do Brasil não se tem referência da disputa da região. Na verdade, foi uma disputa bastante longa e teve tudo para ser um conflito armado entre as duas cidades representando seus estados, respectivamente. Se você não conhece sua história, fatalmente, também você não vai construir um futuro com base sólida. É preciso despertar a sensibilidade dessa juventude agora para produzir, escrever e contar coisas relacionadas a essa memória que se constrói no dia adia.*

**Cloves Mendes**

Vitória-ES, 26 de maio de 2018

Nessa perspectiva, com o já existe e analisando as palavras ditas anteriormente pelo cineasta Cloves Mendes, é preciso inserir o conteúdo sobre o Contestado no currículo e apresentá-lo nas salas de aula. Para isso, deve-se aprofundar os materiais já existentes, produzir mais documentos sobre o período e, muito importante, implantar métodos para ensinar o assunto de maneira lúdica e que desperte o interesse dos alunos. Assim, com esse propósito, procurou-se, junto com o desenvolvimento desta pesquisa, produzir um documentário que relatasse o que foi e como foi o Contestado sob a ótica dos moradores de Barra de São Francisco, Mantena e região. Para elaborar este material foi necessário selecionar os entrevistados, pois restam poucos que sabem contar em detalhes o que ocorreu no período litigioso. Pretende-se, assim, evitar que a história se perca com aqueles que a construíram no passado. De forma resumida sobre como era Barra de São Francisco e Mantena no período do conflito, o documentário relata o medo, as disputas políticas, a cultura do povo e como era a região naquela época. O filme pretende ser um suporte para os professores que, de

uma maneira clara e objetiva, devem mostrara história do Contestado a partir do olhar daqueles que vivenciaram tal período. Debates, produções de texto, história em quadrinhos, são alguns exemplos de atividades a serem desenvolvidas posteriormente com base no filme. Assim, isso é o início de uma série de materiais que poderão ser elaboradas nas escolas capixabas e mineiras para enriquecer cada vez mais nossa história regional.



## 5 PRODUTO EDUCATIVO: DOCUMENTÁRIO

Com as entrevistas gravadas e a autorização para usar as imagens e os depoimentos coletados junto aos sujeitos da pesquisa foi produzido o documentário **MÉMÓRIAS DO CONTESTADO - ESPÍRITO SANTO E MINAS GERAIS**.

O documentário retrata de uma forma resumida parte da história do Contestado entre Espírito Santo e Minas Gerais com base em depoimentos de alguns moradores das cidades de Barra de São Francisco, Mantena e Água Doce do Norte. Trata-se de depoimentos dado por pessoas que vivenciaram parte do período do Contestado.

Medo, angústia são expressos pelos depoentes. Informações políticas da época, envolvendo os dos Estados e as cidades aqui destacadas são relatadas ao longo do filme. Simples, objetivo e bem explicado, trata-se da história do Contestado vista por outro ângulo, daqueles que o viveram.

### FICHA TÉCNICA

Título: Memórias do Contestado - Espírito Santo e Minas Gerais

Ano de produção: 2017/2018

Pesquisa: Tiago Viana Fagundes e Edmar Reis Thiengo

Consultoria: Edmar Reis Thiengo

Direção: Tiago Viana Fagundes

Câmera e Edição: Luciano Produções Duração: 120 minutos

Classificação: Livre para todos os públicos

Gênero: Documentário

Entrevistados:

Anilda Gomes da Costa Marlídia Alves da Silva

Pedro Castilho, Adão Simões Edinho Pereira

Antônio Claudino de Jesus Cloves Mendes

Vasco Joaquim da Costa Adilson Vilaça

## 5.1 SUGESTÕES DE USO DO FILME EM SALA DE AULA

O documentário Memórias do Contestado - Espírito Santo e Minas Gerais pode ser trabalhado tanto com turmas do Ensino Fundamental - 8º e 9º anos – como do Ensino Médio. É possível assistir o filme todo e trabalhar com discussões, produção textual, entre outras atividades, a critério do professor. Outra opção é assistir o filme e discutir as falas e as idéias de cada entrevistado. Como professor de História a intenção é dialogar com outros professores de História para compartilhar as experiências vividas e compartilhar o material produzido nesta pesquisa. Objetiva-se também trabalhar o filme com os alunos em forma de debate, de forma que cada um possa expressar sua opinião sobre o filme, sendo que um questionário acerca do documentário também pode ser solicitado a os alunos como forma de atividade. Este filme pode ser um caminho para incentivar os alunos do Ensino Médio a buscar mais informações sobre o Contestado ou outras histórias de região norte do ES para produzir mais documentários, montar acervos de fotos, entre outros.

## 6 CONCLUSÃO

Escrever sobre a história do Contestado entre Espírito Santo e Minas Gerais é complicado; trata-se de uma época que deve ser analisada e pesquisada com muito cuidado, carece de fontes confiáveis, boa parte delas encontra-se em acervos particulares e está se perdendo aos poucos, outras se encontram em escassos livros escritos por um limitado número de pesquisadores apaixonados por essa história. Muitas informações do Contestado vêm de depoimentos de moradores das cidades que fizeram parte da zona litigiosa que, embora sejam poucos, de forma satisfatória ainda podem contribuir para preservar a identidade construída nessa época. É, portanto, uma pesquisa que deve ser feita e o assunto explorado cada vez mais, pois se trata de um período político e cultural marcante para a população mineira e capixaba.

Com este estudo buscamos resgatar a história do Contestado sob a ótica dos moradores de Barra de São Francisco e Mantena delimitando, assim, o tema, pois a área do Contestado era estimada em 10.137 km<sup>2</sup>, começando pela Serra dos Aimorés e descendo em direção ao mar nas proximidades de São Mateus. Por ser uma área com muitas cidades, o foco da pesquisa foi em Barra de São Francisco e Mantena porque foram o centro das tensões políticas e sociais do período. Uma vez registrada a memória e a identidade do povo francisquense e mantense, elas serão preservadas. Assim, podem ser utilizadas como fontes de pesquisas e conhecimento, tanto para professores, estudantes ou qualquer pessoa interessada em aprender acerca da história de sua cidade e região. É importante que a história do Contestado continue sendo tema de novas pesquisas para, assim, fortalecer a história regional.

Conforme analisamos no decorrer desta pesquisa, o Contestado marcou uma época, um lugar e um povo de uma região vazia e inóspita, com matas exuberantes, para uma região que, aos poucos, se tornou o maior núcleo populacional do norte do Espírito Santo. Foi palco de conflitos e disputas entre fazendeiros e autoridades políticas e forças policiais, não escapou da rivalidade nem mesmo a religião, a qual acabou se contagiando com o conflito. Ao analisar e estudar esse período objetivou-se conhecer a história do Contestado, desejando que este trabalho possa de alguma forma, aguçar

a curiosidade dos moradores e dos capixabas a conhecer melhor seu passado. Para isso, seja sob o olhar dos moradores de Barra de São Francisco ou dos moradores de Mantena, pretendeu-se contar essa história para que não seja esquecida, bem como apresentar para as escolas e a população o que foi coletado e construído neste trabalho. O Contestado, com certeza, foi um marco na história do ES e deve ser preservado para as futuras gerações mineiras e capixabas.

O Contestado evidenciou que a busca pelo poder e riqueza pode levar uma sociedade a um colapso por meio de conflitos e guerras entre os povos. Na ótica do povo francisquense, eles se sentiram prejudicados, pois Minas Gerais não existia na época das Capitânicas Hereditárias e o Espírito Santo podia avançar o quanto quisesse para o norte, mas a falta de um contingente populacional impediu o Estado de crescer. Viu seus vizinhos mineiros avançar em direção as suas fronteiras, precisando defendê-las a todo custo. Por isso, descrever essa história foi importante, esse foi um conflito em que os soldados capixabas até cavaram trincheiras nos morros de Barra de São Francisco.

Por outro lado, a população mantense também teve seus momentos difíceis; nas mãos dos fazendeiros sujeitaram-se a péssimas condições de trabalho. O povo de Mantena é um povo orgulhoso a sua história, principalmente, no que se refere a Fernandinho e Frei Inocêncio, homens que foram líderes políticos e religiosos na época. As disputas que ocorreram na zona contestada foram tão críticas que alcançaram também o campo religioso, com os padres se confrontando em nome da defesa de seu Estado, o que deixava a população ainda mais desorientada. Apesar disso, os atritos entre as forças policiais capixabas e mineiras foram amenizadas pelo fato de um baiano de nome de Udelino querer implantar uma reforma agrária e criar um novo Estado, intitulado União de Jeovah. Em 15 de setembro de 1953, foi selado o primeiro acordo de paz, que se consolidou de fato após dez anos, em 15 de setembro de 1963, onde foram definidos os limites entre os dois Estados. Esses fatos históricos construídos por nossos antepassados exigem responsabilidade daqueles que vivem hoje para evitar a perda dessa memória e da identidade cultural do povo francisquense e mantense.

Ademais, ao analisar todo esse processo histórico fica evidente a riqueza cultural,

identitária e histórica das cidades de Barra de São Francisco e Mantena. É importante, assim, trabalhar o assunto nas escolas da região e do Estado para que os jovens possam preservar a memória de nosso povo. Com certeza, a história do Contestado entre Minas Gerais e Espírito Santo ainda tem muito para ser explorada, e este trabalho pode servir como base para compreender melhor alguns aspectos peculiares do Contestado sob a ótica daqueles que estiveram presente em parte dessa história e também daqueles que ainda guardam parte desse passado. O Contestado foi decisivo para a formação e transformação da sociedade na época e hoje é arte fundamental para o nosso povo.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual da História Oral**. Editora FGV - 2ª edição, 2004.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o Futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BARBOSA, José Geraldo Leite. **Aspectos policiais de Mantena. Zona do Contestado**. Belo Horizonte: [s.n.], 1958.
- CARLOS, José. **Definindo História oral e memória**. USP, 1993. CARR. Edward Hallet. **Que é história?** UNICAMP, 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 2000.
- FREIRE, Mário Aristides. **A Capitania do Espírito Santo-- Crônicas da vida capixaba no tempo dos capitães-mores (1535-1822)**. ed. Flor & Cultura. 2006
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. UNICAMP, 1990.
- MANTENA: **capital do café e do crime na zona do litígio**. O Cruzeiro, [Rio de Janeiro], p. 12, 10 ago. 1957.
- OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Espírito Santo**. 3 ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria do Estado da Cultura, 2008
- PONTES, Wallace T. **Conflito agrário e esvaziamento populacional: a disputa do Contestado pelo Espírito Santo e Minas Gerais (1930--1970)**. UFES, Dissertação de Mestrado, 2007.
- SILVA, Marlídia Alves da; LOPES, Maria da Penha Gomes. **O passado e o presente de Barra de São Francisco**. 3. ed. Barra de São Francisco: [s.n.], 1999.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Edições 70, Ltda. Lisboa -Portugal, 1971.

VILAÇA, Adilson. **Cotaxé-Romance do efêmero Estado de União de Jeovah**. ed. SEJUC, 1997.

\_\_\_\_\_. **Faroeste capixaba: rápido no gatilho, certo na pontaria, destemido na defesa da lei**. Revista Século, Vitória (ES), n. 21, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Um certo Coronel Bimbim**. Revista Século, Vitória (ES), n. 21, 2001b.

\_\_\_\_\_. **Aventura no Contestado. Os últimos forasteiros. Uma colonização que começou pela porta dos fundos**. Revista Século n. 22. Dezembro de 2001c.

\_\_\_\_\_. **As CPIs do esquecimento**. Revista Século, Vitória (ES), n. 25, 2002.

**APÊNDICE A****Lista dos Entrevistados*****Moradores de Barra de São Francisco:***

Adão Simões da Silva

Edson Henrique Pereira

Jorge Angélico

NalascoMarlídia Alves da

Silva Pedro Castilho

***Moradores de Mantena:***

Anilda Gomes da Costa

Archimedes Fernandes da Silva

Aniversino Ferreira de Souza

***Ex-moradores de Barra de São Francisco e Mantena:***

Antônio Claudino de Jesus—ex-morador de Barra de São Francisco

Cloves Mendes – ex-morador de Mantena

Adilson Vilaça – ex-morador de Barra de São Francisco

Edvaldo Lima –ex-morador de Barra de São Francisco

Jader Alves –ex-morador de Barra de São Francisco

***Morador de Água Doce do Norte - ES (Antigo distrito de Barra de São Francisco)***

José Antônio Fagundes de Oliveira

Otávio de Araújo

Leonir Viana



**APÊNDICE B**  
**Roteiro da Entrevista**

Nome:

Idade Endereço:

1. O que você sabe a respeito do Contestado entre Minas Gerais e Espírito Santo?
2. Porque houve esse conflito?
3. Porque Barra de São Francisco e Mantena foram as principais cidades com mais repercussões dessa época?
4. É verdade que os mineiros queriam chegar ao mar?
5. Como era a cidade e o cotidiano das pessoas nessa época?
6. Houve muitos conflitos?
7. Você conhece alguma história engraçada ou marcante dessa época?
8. Em sua opinião, porque a história do Contestado está se perdendo?